



Rio Grande: dois estudos acerca de uma cidade portuária

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

113



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2023



Rio Grande: dois estudos acerca de uma cidade portuária



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Rio Grande: dois estudos acerca de uma cidade portuária



CIPSH
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES
CONSEIL INTERNATIONAL DE PHILOSOPHIE ET DES SCIENCES HUMAINES

UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt



**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**

2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2025

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Rio Grande: dois estudos acerca de uma cidade portuária
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 113
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2025

ISBN – 978-65-5306-069-2

CAPA: Vista do Porto do Rio Grande – Jean Baptiste Debret

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

SUMÁRIO

Iconografias do Porto do Rio Grande / 11

**Fontes documentais e bibliográficas para o estudo
do Porto e da Barra do Rio Grande: arrolamento
parcial / 79**

Iconografias do Porto do Rio Grande

A formação histórica da cidade do Rio Grande confunde-se com a própria história de sua estrutura portuária. Fundada no século XVIII, com um papel geoestratégico e militar como ponto de apoio ao projeto expansionista luso na região platina, a localidade sofreu os reveses dos enfrentamentos com os inimigos hispânicos. Já nos primórdios dos Oitocentos, perdendo seu papel administrativo e militar, a urbe litorânea foi se afirmando progressivamente como entreposto comercial, servindo seu porto como porta de entrada e saída da província. Por tal estabelecimento portuário, entravam produtos importados, pessoas, material impresso e empresas artísticas, ao passo que eram enviados os derivados da produção charqueadora-pecuária gaúcha.

O papel de polo mercantil rio-grandense-do-sul lhe trouxe ondas de avanço econômico para o Rio Grande, que se tornou uma das mais progressistas na conjuntura provincial/estadual. Tal crescimento, entretanto, enfrentou um fator de instabilidade, vinculado ao acesso marítimo à cidade. Nesse sentido, junto à comunidade rio-grandina, houve grande mobilização em torno de estabelecer melhoramentos na barra, que criava graves obstáculos à entrada e saída de embarcações e de promover reformas estruturais no porto citadino. Dessa maneira, o contato com as águas

foi uma constante no devir histórico citadino, havendo múltiplos registros acerca dessa relação, como foram aqueles de natureza iconográfica, caso das gravuras realizadas por viajantes estrangeiros e dos desenhos oriundos da arte caricatural publicados nos periódicos, objeto de estudo deste trabalho¹.

Os registros imagéticos de dois viajantes estrangeiros

Em um quadro de significativa carência de fontes documentais, boa parte das informações sobre os primeiros tempos da sociedade rio-grandense-do-sul adveio do olhar do estrangeiro e o registro dessa visão através das palavras ou da imagem. Tardia área da colonização lusitana, o Rio Grande do Sul, no início do século XIX, representava um território em que se consolidava a ocupação humana e as concernentes atividades socioeconômicas. Após as quase sete décadas da centúria anterior, marcadas por constantes conflitos em relação aos hispano-americanos, em busca das delimitações territoriais, a mais meridional das porções da América Portuguesa tinha plasmadas algumas de suas identidades, como, entre outras, a economia, baseada na exploração do gado bovino e na produção charqueadora; a política, cristalizando sua unidade administrativa como Capitania para depois transformar-se em Província; a social, com a ascensão incontestada das

¹ Textos publicados originalmente em: *Anais do Simpósio Internacional Porto do Rio Grande: história & cultura portuária*. Porto Alegre: CORAG, 2008. p. 123-176.

oligarquias rurais latifundiárias; e ideológica, com a crescente penetração de ideias liberais que serviriam de base para futuros movimentos de rebelião. Essa sociedade em transformação da virada para os Oitocentos e daí em diante foi alvo de uma série de descrições elaboradas por viajantes estrangeiros.

A contribuição de cronistas estrangeiros que se referiram aos aspectos físicos e à presença humana no Rio Grande do Sul vem sendo, ao longo do tempo, significativa para as reconstruções históricas entabuladas acerca do território e da população sul-rio-grandenses. São narrações descomprometidas com fundamentos de ordem teórico-metodológica, do ponto de vista historiográfico, bem como empreendidas por indivíduos não necessariamente vinculados a algum tipo de formação científica específica, prevalecendo, em muitos casos, a expressão de naturalistas, para definir os autores, ainda mais por tratar-se de momentos históricos nos quais muitas das ciências estavam ainda em fase de definição de seus campos de atuação e objetos de trabalho, predominando, assim, visões multifacetadas, nas quais são açambradas, em uma só versão, elementos constitutivos de variadas áreas do conhecimento humano².

Verdades inquestionáveis ou asserções esquecidas debaixo dos tapetes da historiografia – esses têm sido, normalmente, os destinos dados aos relatos de

² ALVES, Francisco das Neves. História regional e cronistas estrangeiros no Rio Grande do Sul: o estudo de um historiador rio-grandino. In: ALVES, F. N. & PRADO, D. P. (orgs.). *Anais do X Ciclo de Conferências Históricas*. Rio Grande: FURG, 2003. p. 153-154.

cronistas estrangeiros que fizeram referências às terras e à gente rio-grandense-do-sul, desde tempos remotos até outros mais contemporâneos. Ainda que pinçadas e realçadas ou ainda esquecidas propositalmente em alguns de seus detalhes pelos historiadores, as narrativas dos viajantes/estudiosos estrangeiros passaram, já há muito tempo, a constituir verdadeira pedra de toque da produção historiográfica sobre o Rio Grande do Sul. A carência de outras fontes, a visão in loco, o testemunho ocular dos fatos, a narração de momentos cotidianos são apenas alguns dos fatores que tanto têm elevado a relevância desses cronistas como autores de obras que servem a uma melhor compreensão histórica da evolução humana rio-grandense³.

Assim, não resta a menor dúvida quanto ao valor de tais relatos e depoimentos, não como fontes inquestionáveis – pois sempre serão passíveis de correção e de controvérsia –, mas como contraponto às ideias tradicionais e correntes na literatura produzida pelos autóctones. O Rio Grande do Sul foi, desde os primeiros tempos, um constante espaço de trânsito para os países platinos e andinos, pólo de atração para imigrantes europeus e área de deslocamento de militares e funcionários em serviço. Essa série de fatores, naturalmente, tornaria o Rio Grande em um foco de movimentação de forasteiros curiosos, que legaram diários, memórias e reportagens de heterogênea

³ ALVES, Francisco das Neves. Cronistas estrangeiros no Rio Grande do Sul sob uma perspectiva historiográfica: dois estudos de caso. In: *Revista Scientia Histórica*. v. 3. Rio Grande: Associação dos Pós-Graduados em História da Cidade do Rio Grande, 2006. p. 27-28.

qualidade literária e variável objetividade, porém de indiscutível significado global, como fontes de informação e de juízo crítico⁴.

Ainda que fossem inúmeras as nacionalidades, com forte predominância dos europeus, procedimentos os mais variados e objetivos de viagem extremamente diversificados, um fator seria o elo entre esses cronistas, a vontade de transmitir suas vivências nas terras meridionais do Brasil. Alguns deles ganhariam mais notoriedade, outros permaneceriam quase que obscurecidos, mas todos trariam em seus relatos o desvelar de elementos da história gaúcha, envolvendo desde questões estruturais/conjunturais até as circunstanciais, e desde fenômenos decisivos até o mais desprezível pormenor. Revelando suas visões de mundo e chamando atenção mormente para o que consideravam diferente em relação ao seu *modus vivendi*, as narrações dos cronistas estrangeiros transformar-se-iam em formidáveis fontes ou mesmo objetos de pesquisa de natureza histórica⁵.

Nos trabalhos de viajantes/visitantes presentes em terras gaúchas, os relatos escritos elaborados por estrangeiros foram os mais comuns na descrição/interpretação da sociedade sul-rio-grandense, no entanto, ainda que em bem menor número, também

⁴ NOAL FILHO, Valter Antonio & FRANCO, Sérgio da Costa. *Os viajantes olham Porto Alegre (1754-1890)*. Santa Maria: Anatterra, 2004. p. 7.

⁵ ALVES. 2006. p. 28. Acerca dos cronistas estrangeiros no Rio Grande do Sul, ver: BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973 e 1976. 2 v.

foram provenientes dessa mesma origem vários registros iconográficos acerca do passado do Rio Grande do Sul. Os desenhos sobre a gente e a terra gaúcha representam também uma muito significativa fonte de natureza histórica, uma vez que, através da imagem, fica possibilitada a descoberta e o desvelar de certos fundamentos e/ou detalhes inerentes à vida em sociedade, que muitas vezes passaram despercebidos à análise exclusiva dos textos escritos. A iconografia oriunda de visitantes externos revela uma das principais facetas desse tipo de relato, quer seja, transmitir o espírito de testemunha ocular do viajante, o qual muitas vezes esteve atento para detalhes da realidade em geral e do cotidiano de forma específica, imperceptíveis em outras fontes. Esses testemunhos de caráter iconográfico a respeito da sociedade rio-grandense-do-sul, exemplificativamente, estiveram presentes nos trabalhos de dois europeus com nacionalidades, estilos e motivações bem diferenciados, o artista francês Jean Baptiste Debret e o mercenário alemão Hermann Rudolf Wendroth.

Um dos registros iconográficos sobre a sociedade gaúcha foi elaborado pelo artista francês Jean Baptiste Debret, o qual marcou sua presença no país à época da formação do Estado Nacional, elaborando uma das mais completas obras pictóricas levando em conta tal temática daquele momento⁶. O pintor se fez presente no Brasil em um período de amplas transformações, acompanhando os episódios concernentes à época joanina, ao processo

⁶ ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *Visões do Rio Grande: a cidade sob o prisma europeu no século XIX*. Rio Grande: FURG, 1995. p. 78.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE PORTUÁRIA

da independência e ao I Reinado. As obras mais conhecidas de Debret são aquelas que enfocam cenas típicas do Rio de Janeiro, no entanto, o artista francês realizou inúmeras visitas a outras províncias brasileiras, das quais pintou cenários e flashes do cotidiano. Nesse quadro, o Rio Grande do Sul também esteve incluído no itinerário de Debret que entabulou registros sobre as mais meridionais terras brasileiras.

Jean Baptiste Debret pertencia a uma família burguesa culta e esclarecida, amadora de ciência e arte. Seu pai, Jacques Debret, além de escrivão do tribunal de Paris, era um curioso de história natural e de arte e os filhos herdaram tal gosto pelas Belas Artes, o próprio Jean Baptiste, pintor, nascido em Paris em 18 de abril de 1768, e o segundo, François, nascido em 1777, que foi um dos mais célebres arquitetos restauradores de sua geração. Jean Baptiste realizaria seus estudos secundários no Colégio Louis le Grand e, terminados estes, se dedicaria à pintura, entrando para a escola de um parente seu, Louis David, com o qual fez uma viagem de estudos à Itália, voltando em 1785 para ingressar na Academia de Belas Artes. Com o advento da guerra, os esforços nacionais destinaram-se ao contexto bélico e vários dos alunos da Academia tiveram de ingressar na Escola de Pontes e Calçadas, para se dedicarem ao estudo das fortificações e Debret esteve dentre eles. Mais tarde seria organizada a Escola Politécnica, no intento de formar engenheiros militares e Debret passou a frequentar os cursos, vindo a distinguir-

se como aluno de desenho e acabando por lecionar a cadeira⁷.

A partir de então, a carreira de Jean Baptiste Debret entraria em franca ascensão, realizando exposição em 1798, tendo inclusive um quadro premiado. Tornava-se celebridade e passava a receber encomendas do governo, expondo grandes quadros históricos de assuntos romanos e cenas da “epopeia napoleônica”, em vários salões, até 1814. A perda de um filho, entretanto, representaria um momento de inflexão na vida do pintor que entraria em estado de apatia completa. Receberia sugestões de uma nova viagem à Itália, ou ainda que participasse de uma missão de artistas franceses à Rússia. Ao mesmo tempo, a pedido de D. João, se organizava uma missão francesa para o Brasil e Debret decidiu partir para a América, embarcando a 26 de janeiro de 1816. No Brasil, prestaria auxílio na criação da Escola de Belas Artes, na qual atuou como docente, pintou uma série de retratos de membros da família real, diversos quadros históricos e uma infinidade de estudos e esboços que, mais tarde, seriam inclusos no seu livro *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, editado entre 1834 e 1839. Debret permaneceu quinze anos no Brasil, partindo após a renúncia de D. Pedro I, afastando-se das lutas políticas e com a saúde abalada. Em 1837, foi-lhe concedida uma pensão de parte do governo brasileiro, tendo em vista seus serviços prestados ao país, mais tarde, em 1839, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o elegeu sócio. Quase

⁷ MORAES, Rubens Borba de. Jean Baptiste Debret. In: DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1940. t. 1. v. 1. p. IX.

uma década depois, a 28 de junho de 1848, o pintor francês viria a falecer⁸.

A missão francesa, na qual esteve incluso Debret, fazia parte do projeto joanino de transpor para os trópicos fragmentos da dita “civilização européia”, no intento de garantir à família real e ao segmento da corte que se deslocara ao Brasil ao menos parte do conforto, da cultura e dos quadros burocrático-administrativos de que dispunham em território europeu. Assim, a Missão Artística Francesa de 1816 partiu da ideia e do esforço de Joachim le Breton, antigo secretário perpétuo da Classe de Belas Artes do Instituto de França, tendo sido a iniciativa compreendida e apoiada pelo Conde da Barca e por D. João que auxiliaram a viagem do grupo, constituído pelo citado Le Breton, crítico de arte, por N. A. Taunay, pintor paisagista, o próprio Debret, pintor histórico, Auguste Grandjean de Montigny, arquiteto, A. M. Taunay, escultor, C. S. Pradier, gravador, F. Ovide, professor de mecânica, além de três mestres de ofício, mais tarde, ao fim do ano, chegavam mais um escultor e um gravador de medalhas⁹.

A obra de Debret no Brasil se coadunaria com tal caráter civilizatório da missão francesa, prevalecendo o olhar do europeu e, portanto eurocêntrico como não poderia deixar de ser, sobre as terras e a gente brasileira, com especial atenção para aquilo que representava o diferente, o inédito, o esdrúxulo e, enfim, o não-

⁸ MORAES, p. IX – XI.

⁹ BARATA, Mario. As artes plásticas de 1808 a 1889. In: HOLANDA, S. B. (dir.). *História geral da civilização brasileira – O Brasil Monárquico (reações e transações)*. 3.ed. São Paulo: DIFEL, 1976. t. 2. v. 3. p. 412.

civilizado. Nesse sentido, no trabalho de Debret, compromissado com o registro documental de uma realidade estranha, a atenção aos detalhes sugere, a um só tempo, o interesse pela diversidade do mundo e o empenho em homogeneizá-lo através da prática civilizatória¹⁰. Esses elementos constitutivos intrínsecos à obra, entretanto, não lhe reduzem o papel de fonte histórica, de modo que, os registros estabelecidos por Debret, através de suas célebres gravuras, são de valor não somente artístico como também documental¹¹, constituindo-se, portanto, fonte de valor incomparável para o estudo da época em que viveu em terras brasileiras¹².

Ao elaborar seu livro *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, Debret definiria alguns de seus intentos no Brasil. Sobre seu ingresso na missão francesa afirmava que dera tamanha importância à vantagem de poder admirar a beleza do ambiente brasileiro, e principalmente à glória, de propagar o conhecimento das belas artes entre um povo ainda na infância, de modo que não hesitara em associar-se aos artistas distintos, seus compatriotas, que, sacrificando por um instante suas afeições particulares, formaram aquela pitoresca expedição, a qual pretendia estudar uma natureza inédita e imprimir marcas

¹⁰ SIQUEIRA, Vera Beatriz. Aquarelas do Brasil: a obra de Jean Baptiste Debret. In: ROCHA, J. C. de C. *Nenhum Brasil existe – pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, Topbooks, UERJ, 2003. p. 111.

¹¹ OBERACKER, Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. In: HOLANDA, S. B. (dir.). *História geral da civilização brasileira – O Brasil Monárquico (o processo de emancipação)*. 4.ed. São Paulo: DIFEL, 1976. t. 2. v. 1. p. 130.

¹² MORAES. p. XI.

profundas e úteis naquele mundo novo. Destacava ainda que, graças ao seu hábito da observação, natural em pintores de história, fora levado a apreender espontaneamente traços característicos dos objetos que o envolviam, de modo que seus esboços reproduziam especialmente as cenas nacionais ou familiares do povo entre o qual passara mais de década e meia. O pintor pretendia, assim, empreender uma “verdadeira obra histórica” brasileira, abordando uma “civilização” que já estaria a honrar o povo, “naturalmente dotado” das mais preciosas qualidades, o bastante para merecer um paralelo vantajoso com as nações mais brilhantes do antigo continente¹³.

Em outras palavras, sinteticamente, o objetivo de Jean Baptiste Debret constituía, segundo ele próprio, um plano ditado pela lógica, quer seja, o de acompanhar a “marcha progressiva da civilização no Brasil”¹⁴. Segundo sua concepção, cabia-lhe – naquela narrativa dos acontecimentos acumulados em quinze anos e cujo resultado poderia ser comparado ao de vários séculos em outros países – como testemunha estrangeira e como pintor de história, colher dados exatos e de primeira ordem para uma arte dignamente consagrada a salvar a verdade do esquecimento. Chamando atenção para seus registros iconográficos, Debret ressaltava que suas pinturas, e posteriormente seu livro, iriam mostrar de relance, graças à litografia, mil detalhes que escapavam a uma descrição escrita, a qual para não ser aborrecida não poderia deixar de ser sucinta¹⁵.

¹³ DEBRET. t. 1. v. 1. p. 5-6.

¹⁴ DEBRET. t. 1. v. 2. p. 85.

¹⁵ DEBRET. t. 2. v. 3. p. 8.

Tudo indica que Jean Baptiste Debret esteve por duas vezes no Rio Grande do Sul, a primeira em 1816, logo após a sua chegada no Rio de Janeiro, acompanhando a divisão de voluntários del-rei, destacada para o combate a Artigas no Uruguai. A segunda viagem às terras sulinas, muito provavelmente ocorreu em 1825, ano em que Debret assinaria várias aquarelas de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Apesar dessas evidências, muitas incertezas ainda caracterizam as presenças do pintor francês no sul do Brasil. O certo é que Debret visitou esse território meridional e produziu uma série de aquarelas sobre o Rio Grande do Sul, esplêndidas em seu conteúdo, ainda mais quando o tempo e a memória criativa do artista se conjugavam para a elaboração do quadro¹⁶. Várias facetas da sociedade sul-rio-grandense seriam captadas pelo artista francês em seus desenhos e na descrição dos mesmos, entre elas, os indígenas, os negros, a peonada, a aristocracia rural e a atividade charqueadora¹⁷.

Ao estar no Rio Grande do Sul, Debret realizou alguns registros sobre a cidade do Rio Grande, com destaque para as visões acerca do seu litoral. Dentre as gravuras elaboradas sobre a vila do Rio Grande, uma delas mostrava em primeiro plano a ponta da Macega e, logo em seguida, os armazéns e sobrados recentemente construídos na Rua Nova das Flores, e atrás, a Rua da

¹⁶ BARRETO. v. 1. p. 395-396.

¹⁷ Adaptação do texto: ALVES, Francisco das Neves. Imagens da sociedade gaúcha na perspectiva de um artista francês. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Sociedade e história no Rio Grande do Sul: estudos multidisciplinares*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 33-62.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

Praia, ficando bem visível a Matriz de São Pedro¹⁸. A paisagem pintada por Debret viria a constituir um dos registros pictóricos mais antigos da interface rio-grandina para com as águas, apresentando já significativo movimento de navios. A imagem reproduzida pelo pintor francês mostrava o *core* rio-grandino visto do norte, no qual as velas de numerosas embarcações davam no primeiro plano a medida da principal atividade urbana e escondiam os inúmeros trapiches que povoavam a recém-aberta Rua da Boa Vista¹⁹.

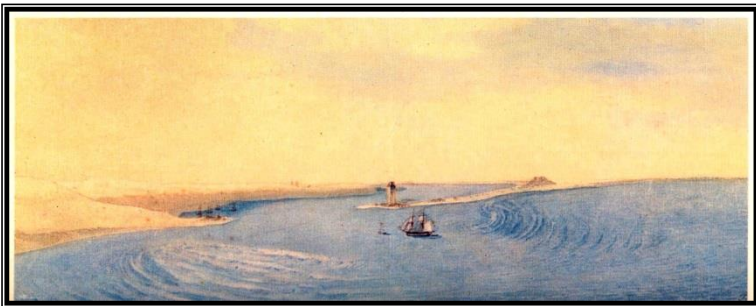


Já outra pintura mostrava um barco adentrando pelo litoral rio-grandino, com a presença das areias tomando conta da paisagem. Ainda levando em conta os motivos náuticos, o artista mostrava duas embarcações passando por dificuldades ao enfrentar um vento “pampeiro”. Ainda que não fossem muitas, as gravuras

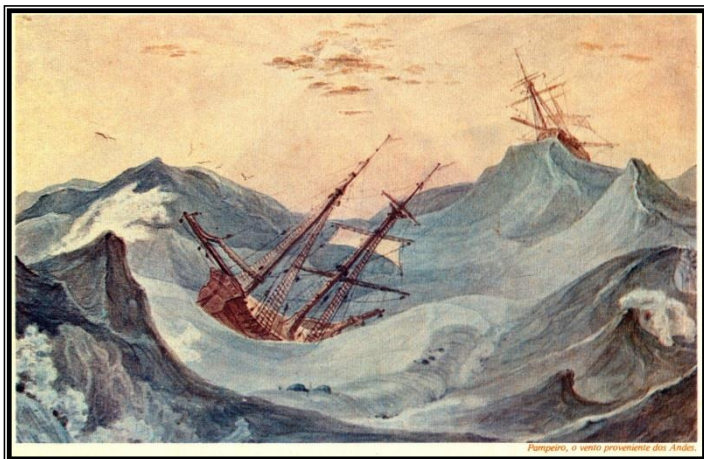
¹⁸ BARRETO. v. 1. p. 395-401.

¹⁹ COPSTEIN, Raphael. Evolução urbana de Rio Grande. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n. 122, p. 62, 1982.

elaboradas por Jean Baptiste Debret mostravam alguns detalhes da conjuntura litorânea rio-grandense e rio-grandina, tais como a forte relação cidadina com as águas lindeiras, estando localizado o centro irradiador social em zona encravada umbilicalmente ao litoral, os constantes perigos à navegação, a constante presença das areias. O renomado artista francês, ao lado de várias cenas do cotidiano sul-rio-grandense e da vida sociedade em geral, reservou um certo lugar para a pintura paisagística de ambiente urbanos e rurais, servindo seu trabalho para uma importante perspectiva iconográfica acerca do Porto rio-grandino.



RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE PORTUÁRIA



Um outro artista que retratou a estrutura portuária rio-grandina foi o alemão Hermann Rudolf Wendroth, que rumou para o Brasil em 1851 para atuar como mercenário contratado do Império, na guerra contra o argentino Rosas. Ficou pouco no Rio de Janeiro, sendo enviado junto de seu batalhão para o Rio Grande do Sul. Permaneceu alguns dias no Rio Grande e em Pelotas e, boêmio, excedeu-se nas farras e na bebida, chegando a ser preso nesta última localidade. Suas qualidades literárias e pictóricas, muitas vezes a serviço de um espírito satírico, apareciam ostensivamente no álbum de aquarelas que realizou sobre suas andanças pela mais meridional província brasileira. Passou pouco tempo em Porto Alegre; depois, Rio Pardo, mais tarde foi para Lavras, em busca de ouro, vindo a percorrer praticamente toda província a partir daí, observando os costumes do campo e as cenas da cidade e registrando essas observações em seus esboços ou com o colorido

agradável de seus pincéis. Teria falecido por volta de 1860, em Porto Alegre ou em Buenos Aires²⁰. As imagens de Wendroth revelavam vários aspectos da população e do território rio-grandense. São muitas as paisagens rurais e urbanas, principalmente das cidades de Porto Alegre e Rio Grande, retratadas com significativa fidedignidade. As figuras humanas e alguns fundamentos sociais gaúchos são presenças garantidas na obra do alemão que construiu verdadeiros retratos da sociedade sul-rio-grandense da metade do século XIX²¹.

Boêmio notório, Wendroth passou por uma série de aventuras e desventuras, as quais permitem vislumbrar as várias facetas da realidade enfrentada pelo viajante, no caso dele, o mercenário que atuou desde soldado até minerador. Seu apego à bebida e às festas, não tão coadunadas à carreira militar, levaram a situações difíceis como no caso de sua prisão, a qual ele não deixou de retratar em suas gravuras, nas telas “Prisão de soldados em Pelotas”, “Cadeia de Correção em Pelotas” e “Cena de prisão”, em que aparecia ao lado de seus companheiros e, confirmando o que destacou Abeillard Barreto, nas paredes da cela, estavam estampados alguns de seus desenhos, apareciam também os soldados armados que guardavam o lugar e até mesmo a beberagem dos prisioneiros. Ele se retratou ainda em cenas de trabalho, e enfrentando dificuldades em um acampamento em terras gaúchas. As desventuras aparecem também em outras telas, nas quais ele demonstrava, por duas vezes, a perda de suas bagagens,

²⁰ BARRETO. 1976, v. 2, p. 1418-1423.

²¹ WENDROTH, Hermann Rudolf. *Obras de Hermann Rudolf Wendroth*. Porto Alegre: RIOCELL, 1982.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

ao passar por cursos de água. As suas atividades à procura de ouro foram outras de suas experiências registradas em aquarela, caso das telas “Mineradores de ouro - Burgo em Lavras” e “Minha residência em Lavras”.

Algumas das cenas captadas nos desenhos de Wendroth, lembravam as peculiaridades de seu próprio cotidiano, como na aquarela “Aventura com uma brasileira”, na qual o alemão, tomando mate, em sinal respeitoso, chapéu ao chão, conversava com uma mulher bem fornida. Aparecem um cavalo à porta e um escravo doméstico próximo à mesa, pronto a servi-los. A residência é retratada de forma despojada, com um quadro em uma parede e um oratório à outra, a mulher acaricia pequeno cão e tem uma longa vara à mão direita. As interpretações poderiam ser múltiplas e livres, como no caso de poder ser uma representação da versatilidade da figura feminina gaúcha, tendo de assumir os assuntos domésticos e os negócios da família quando da ausência do marido, normalmente envolvido nas pelejas bélicas, embora o título deixasse margem que a “aventura” com a brasileira poderia trazer em si um possível *affaire* entre o visitante, ao que tudo indica muito namorador, e a sua anfitriã. Um outro quadro *sui generis* era chamado “Aventura em Porto Alegre”, mais um autorretrato, em que Wendroth aparecia em posição defensiva, demonstrando certo espanto diante de homem mais idoso com crucifixo à mão, provavelmente representando um fanático religioso. O mercenário/desenhista está de espada à mão e com a arma ao seu alcance, há inscrições e retratos nas paredes e, em uma delas, aparecia um quadro emoldurado com o esboço de um mapa do Rio Grande do Sul, muito

parecido com um que foi incluso em sua coleção de aquarelas.

Como bem lembrou Abeillard Barreto, os registros de Hermann Rudolf Wendroth são marcados por um espírito satírico, de modo que suas gravuras reproduzem uma visão crítica da realidade retratada, lembrando em muito o tom da caricatura, a partir da qual, o humor é um condicionante bastante presente. Essa perspectiva caricatural se manifesta em grande parte de seus desenhos, mas, exemplificativamente, pode-se destacar alguns deles. Uma dessas manifestações retratou as más condições enfrentadas quando de sua prisão, mostrando um ambiente com insetos e ratos, referindo-se na legenda da gravura a baratas (besouros fedorentos) e aos “hóspedes” no “palácio cadeia”. Um dos grandes problemas enfrentados pela zona sul gaúcha, com ênfase nas localidades do Rio Grande e São José do Norte, os areais, verdadeiros obstáculos à ordenação urbana, também estiveram presentes nos traços cheios de humor do mercenário alemão, em tela chamada “As montanhas voadoras do Rio Grande. No mesmo tom jocoso, na tela “Arte brasileira de construção de pontes”, o alemão buscava demonstrar a “arte do improvisado” da gente do país, pois a dita ponte não passava de um tronco derrubado, sobre um curso de água.

Na época em que o mercenário esteve no Rio Grande, o comércio marítimo evoluía, e parte desse movimento ficaria bem representado nas suas gravuras. Pessoas, flora, fauna, hábitos, costumes e paisagens urbanas e rurais foram alvos do militar/artista durante sua estada em terras gaúchas. Nesse quaro, Hermann Rudolf Wendroth retrataria a cidade por volta de 1851,

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

revelando variadas facetas de seu desenho urbano. Dentre essas cenas, o ambiente portuário teria destaque em pelo menos três de suas pinturas: “Cais do Rio Grande”, em que apareciam embarcações e, em primeiro plano, os trabalhadores portuários, com a presença de escravos; “Esboço de uma vista do Porto do Rio Grande do Sul”, com ênfase aos barcos de várias nacionalidades, denotando a relevância das lides mercantis, e “Vista do Porto do Rio Grande”, interessante perspectiva da cidade rodeada de barcos²². Apesar dos graves problemas de acesso, as pinturas do mercenário germânico demonstravam os avanços comerciais da urbe portuária que, progressivamente, ia tentando promover reformas urbanas que permitissem melhores condições portuárias e o próprio aformoseamento – para usar uma expressão de época – citadino como um todo.

²² BARRETO. v. 2, p. 1418-1423.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE PORTUÁRIA



As obras realizadas por Jean Baptiste Debret e Herman Rudolf Wendroth tornaram-se fundamentais quando se trata de desvelar o passado sulino. Cada qual a seu tempo, com suas conjunturas e estilos diferenciados, deixaram registros vitais para que se possa conhecer a muitas vezes multifacetada história gaúcha. O primeiro, um artista francês, reconhecido internacionalmente, vindo em missão cultural, amparado governamentalmente, assumindo funções públicas ligadas à sua profissão, em um conjunto de características que granjeariam quase que um caráter oficial à sua obra. Já o segundo, um mercenário, vindo com um fim bem determinado de atuar nas lides bélicas, mas cujo temperamento o afastaria dessas, levando-o a peregrinar pelo território rio-grandense em busca de condições de sobrevivência, mas, ao mesmo tempo, registrando muito daquilo que encontrava pelo caminho. O pintor, durante o período joanino e os primeiros passos em direção à independência. O mercenário, já a época em que o Estado Nacional Brasileiro se

consolidava. O francês com sua técnica estruturada a partir do aprendizado em escolas de arte, em traços bem definidos. O alemão em suas aquarelas por vezes ricas em detalhes e, em outras, em verdadeiros rascunhos ou desenhos caricaturais. Debret com sobriedade. Wendroth com ironia e bom humor. Ambos contribuindo significativamente para dar cores ao passado gaúcho, trazendo a lume algumas imagens acerca da província sul-rio-grandense, algumas delas fundamentais, como ao tratarem do Porto do Rio Grande, ainda mais ao referirem-se a uma época de profunda escassez de registros iconográficos sobre tal estabelecimento.

Cenas portuárias à beira do cais sob o prisma da caricatura

Em um processo de incremento contínuo e recorrência contumaz, o gênero caricato galgaria um espaço progressivo junto ao gosto dos consumidores de leitura nos mais longínquos recantos do mundo onde encontrou meios de difusão. A associação entre jornalismo e caricatura resultou na incorporação de um atrativo a mais para a imprensa, a imagem, a qual permitia a influência de um público maior que aquele dedicado à leitura, levando à crescente popularização do jornal como veículo de comunicação coletiva²³. Nesse quadro, o desenho poderia atingir até a população analfabeta, além disso, rápidos traços sobre o papel,

²³ MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 120-121.

muitas vezes, permitiam a expressão de uma opinião de forma mais incisiva do que através de um longo texto²⁴.

Desse modo, o caricaturista retratava a sociedade pautando sua abordagem no uso da crítica, da ironia e do humor²⁵, através de um jornalismo opinativo. Essa crítica mordaz acrescida da comunicação visual direta, proporcionada pela caricatura, levou a um significativo interesse por esse gênero jornalístico entre o público leitor. Como esse avanço deu-se, primeiramente, no centro do país, tornou-se notória a influência dos periódicos e dos caricaturistas do Rio de Janeiro e de São Paulo nas folhas caricatas de outras regiões, inclusive nas rio-grandinas²⁶, sendo comum o aproveitamento de

²⁴ Conforme: BAHIA, Juarez. *Três fases da imprensa brasileira*. Santos, Ed. Presença, 1960. p. 39.; SANTOS, Délio Freire. Primórdios da imprensa caricata paulista. In: *O Cabrião* (Edição fac-similar). São Paulo, MESP, DAESP, 1982. p. 9.; e FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. tomo 80. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1917. p. 609.

²⁵ Segundo Isaac Epstein, ao detentor do poder cabe o uso das linguagens sérias, unívocas, os discursos consistentes e monolíticos; ao súdito restam as equivocidades de todo gênero, a piada, o trocadilho, o humor, a poesia. EPSTEIN, Isaac. *Gramática do poder*. São Paulo, Ática, 1993. p.125. A respeito do humor direto e incisivo praticado na imprensa caricata brasileira, observar: FERREIRA, Athos Damasceno. *Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre, Globo, 1944. p. 18-19.

²⁶ Dentre essas influências, a mais efetiva foi a do caricaturista Angelo Agostini. Sobre esse aspecto, observar: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963. v.1. p.119.; TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. Rio de Janeiro, Ed.

ideias ou, simplesmente, a reprodução de desenhos dos jornais daquelas cidades.

O período entre as décadas de setenta e noventa representou o momento áureo da caricatura na cidade do Rio Grande, quando foi mantida, de forma quase ininterrupta, a circulação de periódicos caricatos, que continuaram existindo em época posterior, não passando, porém, de tentativas escassas e esporádicas de manutenção desse tipo de jornal. Também um jornal diário, o *Artista*, tentaria lançar-se nos caminhos da expressão caricata em um projeto de curta duração cronológica. Através das caricaturas impressas nas páginas dos jornais revelavam-se detalhes do cotidiano citadino e o ambiente portuário também seria ali retratado, com homens e mulheres atuando e interagindo à beira do cais. Levando em conta os fundamentos iconológicos e iconográficos²⁷ e o conteúdo simbólico²⁸ presentes nas caricaturas, este trabalho pretende realizar um estudo introdutório e amostral sobre tais vivências sociais.

Documentário, 1976. p.12.; e SOUZA, Jonas Soares de. A vitrine do imaginário: periódicos ilustrados do século XIX. *Documentos*, v.3. n.6. Campinas, B.C.M.U., 1991. p.35.

²⁷ PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo, Perspectiva, 1979. p. 47-55.

²⁸ CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. p. 152-3. e SOUZA, José Antônio Soares de. Um caricaturista brasileiro no Rio da Prata. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. v.227. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1955. p. 4-5.

A imprensa caricata

Nas três últimas décadas do século XIX, circularam junto à imprensa rio-grandina vários títulos de folhas caricatas que intentavam apresentar uma perspectiva da sociedade em que estava inserida sob o viés da crítica, do humor e da ironia. Ainda que predominantemente dedicados a essa visão jocosa, os caricatos, muitas vezes, intentavam lançar-se como moralizadores da vida em comunidade, denunciando desvios e mazelas sociais e indicando modelos comportamentais. Com durações variáveis, mas caracteristicamente pouco longevas, os semanários caricatos rio-grandinos retratavam uma cidade que continuava a ansiar por incluir-se no rol daquelas que eram consideradas como que bafejadas pelos ares da chamada “civilização”, de acordo com os padrões europeus de então. Nesse aspecto, a imprensa caricata, por vezes participava ativamente dessa “cruzada civilizatória”, para, em outras, censurar acremente tais pretensões.

Um dos representantes do jornalismo caricato rio-grandino foi *O Diabrete*, que surgiu a 4 de julho de 1875, constituindo um dos mais destacados e duradouros jornais dedicados à caricatura da cidade do Rio Grande. Com tipografia própria, teve como proprietário Gaspar Alves Meira, que, posteriormente se associaria a Francisco Luís de Campos Júnior²⁹. O

²⁹ De acordo com Athos Damasceno, Francisco Luís de Campos Júnior era “jornalista de ponderáveis recursos intelectuais”. FERREIRA, *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p.162.

semanário possuía oito páginas, metade das quais ocupadas por desenhos, e era assinado, na Província a 5\$000 trimestrais, e “fora” dela, a 6\$000 trimestrais; custava 500 réis o número avulso. Apresentava dois dísticos: “*Lectore dilectanti pariterque monendo*” e “*Sceleritates punit risus*”.

Na sua primeira edição, *O Diabrete* apresentava-se ao público, afirmando: Sem constituir-se postes de injustificáveis agressões, o *Diabrete* procurará timbrar pelo razoável de suas apreciações e apanhados, erguendo por divisa no pórtico de sua propriedade a seguinte legenda que lhe será norma em suas árduas pugnas: *Lectore dilectanti pariterque monendo*. Quando a generalidade dos leitores, beatificamente diz com a devoção que lhe é peculiar: “Livre-nos Deus da tentação do demônio”, é, sem dúvida, árduo trabalho apresentar-lhe este *Diabrete* e pedir-lhe não só que se familiarize com ele, como ainda mais, que lhe dispense a valiosa e nunca assaz louvada proteção, que a esmo dispensam a outros “diabretes” de formas várias que por aí vivem a levar a mais perigosa ebulição a incautos e desprevenidos corações.

O jornal também era distribuído na vizinha cidade de Pelotas, onde possuía agente e entregador. Utilizou largamente, em suas páginas, um sistema de “autopropaganda”, tanto para obter mais assinantes, quanto para cobrar aqueles com pagamento em débito, pois, tendo em vista o escasso número de anúncios publicados naquele tipo de folha, a arrecadação com as assinaturas era fundamental para a sua sobrevivência. O orçamento do periódico era complementado pelas atividades litográficas, com o oferecimento de uma diversificada gama de serviços, através de constantes

anúncios da “Litografia do *Diabrete*”, quando garantia que esse estabelecimento estava habilitado a fazer qualquer obra concernente à arte litográfica, sem receio de competidor. Tendo como especialidade os cartões de visita, comprometia-se ainda a fazer com toda perfeição, brevidade e modicidade em preços: registros, diplomas, ações, preços correntes, faturas, notas, participações de casamentos, rótulos de qualquer qualidade como os mais perfeitos vindos da Europa.

Apesar de certa popularidade entre o público, *O Diabrete*, tendo em vista suas constantes, cáusticas e contundentes críticas criava muitas frentes de animosidade. Suas relações com as outras folhas rio-grandinas não eram das mais cordiais, mas a situação piorou com o aparecimento de outro semanário caricato, o *Maruí*. O confronto se estabeleceu a partir de desentendimentos entre o redator de *O Diabrete* com um funcionário egresso do próprio jornal, Henrique Gonzales, que fundou o *Maruí* no início de 1880. Além do desentendimento entre os redatores, o conflito travado entre as duas folhas refletia também a disputa pelo espaço na imprensa rio-grandina. A partir de 1880, apesar das constantes manifestações de passar perfeitamente em sua preciosa saúde, ou ainda que a redação passava bem de saúde, no corpo como no espírito, não havendo mal que lhe afligisse, começava o declínio de *O Diabrete*, devido a dificuldades tipográficas e de pessoal, a problemas de saúde do proprietário, e à própria concorrência do *Maruí*, cuja qualidade editorial passara a ser mais elevada. Esse quadro se prolongaria até abril de 1881, com o desaparecimento do *Diabrete*.

O *Maruí* surgiu a 4 de janeiro de 1880, seguindo os padrões dos jornais caricatos da época, tinha oito

páginas, divididas meio a meio entre textos e desenhos; apresentava-se como periódico ilustrado, satírico e recreativo. Com tipografia própria, o custo de sua assinatura variou de 14\$000 (ano), 7\$000 (semestre) e 4\$000 (trimestre), no início; para 16\$000 (ano), 9\$000 (semestre) e 5\$000 (trimestre), a partir de 23 de janeiro de 1881. Tinha circulação semanal e seu primeiro proprietário foi Henrique Marcos Gonzales³⁰. O termo “maruí” (ou maruim) refere-se a um inseto díptero da família dos Quironomídeos. Dessa forma, a exemplo de outros jornais que adotaram denominações de insetos, o nome *Maruí* revelava as intenções do semanário, executando, analogicamente, as atitudes de um inseto, ou seja, “picar”, “irritar”, “produzir ardor ou comichão”, promovendo certa agitação na sociedade rio-grandina.

A primeira caricatura publicada no *Maruí* (4 jan. 1880), apresentava, como era comum à época, a passagem do ano, representada pelo encontro entre o “ano velho” (um ancião) e o “ano novo” (uma criança); dessa vez também era trazido o jornal recém-criado, na figura de seu redator, o qual incorporava à sua imagem as asas do maruí, refletindo os intentos do jornal,

³⁰ Athos Damasceno destaca que Henrique Marcos Gonzales era espanhol e trabalhava como litógrafo no Rio Grande, tendo prestado serviços em *O Diabrete*. Segundo o autor, Gonzales, com o *Maruí* ofereceu ao “povo rio-grandino muitas páginas de sátira, bastante apreciáveis” e, “em muitas ocasiões, foi feliz na animação de seus bonecos, postos em movimento com graça e oportunidade”, não quis, porém prosseguir na caricatura, “transferindo-se, mais tarde para Pelotas, limitou-se ali a exercer sua profissão de litógrafo”. FERREIRA, Athos Damasceno. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)*. Porto Alegre, Globo, 1971. p. 342-343.

simbolizando, tal como o inseto, certa agressividade', procurando, obstinadamente violar a vida íntima de sua vítima³¹. Nesse quadro, era anunciado ao "ano novo": Meu filho, encontrarás aí na Terra o *Maruí*, que aguarda a tua presença para ilustrar teus fatos. Tais intenções do periódico já ficavam expressas no seu programa, apresentado, no seu primeiro número, na forma de versos³².

O jornal não permaneceu muito tempo nas mãos de Henrique Gonzales, sendo sua propriedade passada em 15 de agosto de 1880 a Thádeo Alves do Amorim, que se tornaria o mais destacado jornalista ligado à imprensa caricata na cidade do Rio Grande. Thádeo fez

³¹ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio. p. 623.

³² O meu programa defini-o/ sem rodeios francamente/
pretendo ver se enriqueço/ trabalhando honestamente./ Às
donzelas rio-grandinas/ venho pedir proteção/ sabendo que
elas possuem/ um sensível coração./ Abri, pois, as vossas
bolsas/ ao travesso "Maruí"/ se estiverem recheadas/ não
sairei mais daqui./ Eu sou um pequeno inseto/ ligeiro, alegre
e taul/ a voitar buliçoso/ por estas plagas do sul/
Tranquilizai-vos, leitoras/ não tem veneno o ferrão/ posso,
pois, em vossos rostos/ ir dar um leve chupão./ Não vou
manchar minhas asas/ pelo lodo dos pauis/ desprendo o vôo
ligeiro/ só nos espaços azuis./ Vossas bolsas sejam flores/ em
que chupe o "Maruí"/ se vossos risos brotarem/ não hei de
sair daqui./ (...) Alegre como as crianças/ franco, honesto e
folgão/ quero abrir as minhas asas/ ao quente sol de
verão./ (...) Se me dais algumas notas/ conto pilherias a mil/
mas essas notas que sejam/ do Tesouro do Brasil./ Eis aqui o
meu programa/ variado, apetitoso/ e sem mais, caros
fregueses/ eu me despeço saudoso.

sociedade com seu irmão Constantino Alves do Amorim³³ e buscou realizar melhorias técnicas e administrativas na folha semanal, imprimindo-lhe um estilo próprio. A transferência de propriedade do periódico, simbolizado por um recém-nascido, de Gonzales para Amorim foi representada na mesma data, onde o primeiro declarava: Em vossas mãos deposito, tem apenas seis meses de existência... sejam felizes!.

A principal fonte de sustentação do jornal eram as próprias assinaturas, além de outros serviços litográficos, oferendo-se a aprontar em suas oficinas com nitidez, prontidão e modicidade de preço, todo e qualquer trabalho concernente à arte tipográfica. Os anúncios pagos foram praticamente inexistentes. O hebdomadário rio-grandino teve boa aceitação entre a população, chegando a possuir, segundo suas próprias páginas, assinantes em outras localidades como Pelotas, Jaguarão e Santa Vitória do Palmar. A fundamental importância das assinaturas para a sobrevivência do

³³ O rio-grandino Thádeo Alves do Amorim (1856-1920) trabalhou desde jovem em jornais, tendo prestado serviços em *O Amolador* e *O Diabrete*. Para Athos Damasceno, Thádeo identificou-se com a árdua profissão, dedicando-se com afinco, procurando e conseguindo extrair das minguas possibilidades do meio, tanto os recursos para sua manutenção material quanto à satisfação de seus pendores artísticos. Além do *Maruí*, Thádeo Amorim também foi o responsável por outras folhas caricatas, sendo a de maior destaque, o *Bisturi*. Já Constantino Alves do Amorim também trabalhara em *O Diabrete* e tornou-se sócio do irmão no *Maruí*; os desenhos de Constantino denotam em geral não só a boa técnica do gravador, como ainda a agilidade do risco e o senso de humor do calunguista. FERREIRA, 1971. p. 333-334 e 341.

jornal levou, por diversas vezes, à publicação de ameaças quanto à revelação dos nomes de devedores. No início de 1881, o jornal anunciava inovações técnicas, colocadas a serviço dos leitores, tentando obter maior número de favorecedores, ou, provavelmente, justificando o aumento dos preços que se daria na semana seguinte.

As transformações promovidas por Thádeo Amorim no *Maruí* não foram apenas de ordem técnico-administrativa, influenciando diretamente no conteúdo e na linha editorial do semanário, pois as inocentes colunas em geral alimentadas à base de piadas leves e da literatura sedativa dos versos de amor foram substituídas pouco a pouco por contundentes artigos de crítica política e social a que davam relevo, na obra litográfica, os mordazes desenhos que os completavam³⁴. Assim, o periódico se dedicou predominantemente a dois tipos de crítica, à política e a de costumes, não poupando censuras àqueles que considerava como passíveis desse tipo de tratamento.

A vida do *Maruí* não foi longa. Em março de 1881, era anunciado o fim da sociedade entre os irmãos Amorim, ficando o jornal unicamente sob a responsabilidade de Thádeo e, a partir de agosto de 1881, os próprios anúncios, pelo semanário publicados, demonstravam as dificuldades que vivia. Em um desses anúncios, rogava aos assinantes que se achassem atrasados em suas assinaturas, a bondade de satisfazê-las. Tal consideração demonstrava que o jornal entrava em crise na sua principal fonte de sustentação, as assinaturas, além de não conseguir a garantia de uma

³⁴ FERREIRA, 1962. p. 170.

circulação regular. Somou-se a isso o próprio espírito crítico que norteava o periódico, através do qual adquiriu crescente número de inimigos, chegando a se indispor com praticamente todas as outras folhas da cidade. Assim, o *Maruí* representou relações e elementos antagônicos que compõem a própria sociedade, contrapondo seriedade e divertimento, sendo jocoso e moralista, crítico ferrenho para uns e agraciando outros com elogios e homenagens³⁵. A folha encerrou suas atividades em maio de 1882, deixando, porém, a sociedade rio-grandina marcada pela sua atuação, na intransigente defesa da moralidade pública, sendo que ao ensejo do balanço levado a efeito na tipografia e litografia do jornal, não se sabe bem o que foi apurado em seu passivo... Dizia-se, entretanto, que a parcela de ódios era grande...³⁶.

A 1º de abril de 1888, aparecia o mais bem elaborado periódico caricato rio-grandino, o *Bisturi*, que se autodefinia como uma folha satírica e humorística, publicando caricaturas, alegorias e outros desenhos da atualidade, poesias e artigos cômicos, sátiras e críticas à política, artes e literatura, além de outros assuntos de ocasião e retratos de personagens célebres. O fundador-proprietário do jornal foi Thádeo Alves do Amorim que, apesar das inúmeras e constantes adversidades, conseguiu manter, nos diversos periódicos a que esteve

³⁵ ALVES, Francisco das Neves. O *Maruí*: uma folha ilustrada a serviço da crítica política e de costumes (1880-1882). In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique (orgs). *A cidade do Rio Grande: estudos históricos*. Rio Grande, FURG/SMEC, 1995. p. 145.

³⁶ FERREIRA, 1962. p. 183.

ligado, seus textos e desenhos ricos em crítica e ironia, sendo no *Bisturi*, o ápice de sua carreira³⁷. Com tipografia própria, a folha caricata mantinha a tradição dos periódicos daquele gênero, sendo um semanário de oito páginas, quatro dedicadas aos desenhos, variando mais tarde essa feição tipográfica, ao aumentar suas dimensões e diminuir o número de páginas pela metade, mantendo a mesma proporcionalidade entre desenhos e texto. O custo de sua assinatura variou de 12\$000 (ano) e 1\$000 (mês), para, a partir de agosto de 1892, 16\$000 (ano) e 4\$000 (mês).

Ainda na primeira edição o *Bisturi* divulgava o seu Programa: O labor da imprensa foi sempre o alvo de nossas aspirações no meio do burburinho da vida social. *Bisturi* chama-se o hebdomadário com que nos apresentamos ante a população civilizada da nobre cidade do Rio Grande, e temos muita confiança em que a sua visita não será repudiada, segundo o propósito inalterável em que estamos de torná-lo agradável, já nas seções de desenhos, já na redação, guardados os princípios determinados pela urbanidade, ainda quando for de mister o sermos um pouco pungentes na luta de coerção aos desvios que por vezes nos envergonham. O

³⁷ Para Athos Damasceno, o *Bisturi* foi indubitavelmente o melhor semanário dentre os que Thádeo Amorim ilustrou. Segundo o autor: Aí, sim, Thádeo já se exhibe de corpo inteiro, pois o desenhador bisonho de *O Amolador* e de *O Diabrete*, e também o calunguista ainda hesitante do *Maruí* e de *A Semana Ilustrada*, cede lugar a um chargista de pulso bastante seguro que, a despeito de certas deficiências, sabe o que quer. E pode explorar sua especialidade com um rendimento perfeitamente satisfatório. FERREIRA, 1971. p. 335.

Bisturi se empenhará na extirpação da lepra social dos escândalos, da calúnia, de todos os vícios, enfim, sem que se lhe notem as invectivas livres e as alusões imorais que desedificam na prática do comedimento dos mútuos deveres da família social. Nas linhas que ficam, está lavrada a profissão solene de nossa fé jornalística.

O próprio Thádeo Alves do Amorim, no primeiro número do jornal, apresentava a si e ao seu semanário, de lápis em punho, simbolizando sua profissão de jornalista e caricaturista, afirmava: Caríssimos colegas, tenho a honra de vir cumprimentar, apresentando-me de novo na estacada do jornalismo, no meio desse labor contínuo dos obreiros do progresso. Sou crítico, mas não me arredarei um só momento dos foros da imprensa honesta, usando de uma crítica benévola e bem intencionada e não dessa crítica cínica e mordaz. Os ouvintes do pronunciamento de Amorim eram os demais jornalistas rio-grandinos, refletindo um costume da época, dos novos jornais saudarem os periódicos já existentes. O redator do *Bisturi* referia-se a sua carreira anterior nas lides jornalísticas e garantia limitar-se a uma “crítica benévola”, promessa difícil de ser cumprida, tendo em vista o seu estilo de escrever e desenhar.

Ligado ao ideário liberal, o *Bisturi* apoiou tal grei partidária à época monárquica. Com a mudança na forma de governo, aceitou a República, mas, progressivamente foi rompendo com os governantes republicanos, tanto na esfera federal quanto na estadual, mormente tendo em vista as práticas autoritárias por eles adotadas. Nessa linha o hebdomadário se colocaria não só em uma postura de oposição, mas também de resistência aos detentores do poder, fossem os Presidentes da República, Deodoro da Fonseca e

Floriano Peixoto, fosse o governante gaúcho Júlio de Castilhos, contra quem, enquanto pode, a folha moveu profunda campanha oposicionista, colocando-se como um dos mais ferrenhos inimigos do castilhismo no contexto regional.

De acordo com esses princípios, o periódico continuaria a expressar suas opiniões, apesar de um controle próximo das autoridades locais, sempre denunciado pelo periódico. Porém, o cerco apertava, até que, em julho daquele ano, Thádeo Amorim foi preso, ficando interrompida a circulação do jornal por alguns dias. Mesmo assim, o *Bisturi* voltou a ser publicado, divulgando suas ideias e convicções. Isso, no entanto, durou somente até outubro de 1893, quando a legislação passou a prever restrições praticamente totais à liberdade de imprensa. Essa última determinação do Governo Federal seria o divisor de águas para as práticas do *Bisturi*, pois, diante da nova legislação e das constantes ameaças, a abordagem das questões políticas foi abandonada. Como a intolerância dos governos marechalícios lhe tirasse a liberdade³⁸, o jornal passou a dedicar-se quase que exclusivamente, no último trimestre daquele ano, à literatura, às atividades artísticas da cidade e até às credices populares. Em meio à essa legislação amplamente restritiva, a folha se viu obrigada a abandonar sua linha editorial de crítica aos novos detentores do poder. Com a retirada de sua seiva editorial, a sobrevivência do *Bisturi*, como folha de circulação regular, não seria longa, permanecendo até o final de 1893, embora viesse ainda a aparecer, de forma

³⁸ LOBATO, Monteiro. *Ideias de Jéca Tatú*. São Paulo, Brasiliense, 1946. p. 19.

extremamente irregular, esporádica e escassa até os primórdios do século XX.

Dessa forma, os jornais caricatos, notadamente *O Diabrete* e o *Bisturi*, representaram um certo apogeu da pequena imprensa rio-grandina, pela sua organização e tempo de duração, bastante razoáveis para os padrões dos pequenos periódicos. Na ausência praticamente completa de anúncios pagos e apesar da prestação de serviços tipográficos e litográficos, sua sobrevivência dava-se, principalmente, pela arrecadação com as assinaturas. Isso denotava que, apesar das campanhas contra os assinantes devedores, as folhas tinham uma boa aceitação entre o público, do contrário não circulariam por mais de seis anos, como aquelas duas. Associando texto e imagem e empregando um jornalismo opinativo, os semanários caricatos refletiram de forma crítica e caricatural a sociedade na qual estavam inseridos³⁹.

O uso da caricatura junto à imprensa diária: um breve projeto

Na virada do século XIX para o XX a imprensa brasileira – e a sul-rio-grandense no mesmo contexto – dava os primeiros passos em direção a um processo que caracterizaria mais um momento de inflexão em sua evolução histórica. Paulatinamente o jornalismo mudava

³⁹ Acerca do conjunto da imprensa caricata rio-grandina, observar: ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999. p. 165-245.

e os jornais normalmente ligados a pequenas empresas tipográficas começavam a perder espaço. A centralização e a concentração das atividades jornalísticas iniciavam a ganhar corpo, aumentando a competição entre as publicações na busca pelo mercado de leitores, de modo que só os que se adaptavam às novas circunstâncias e conjuntura teriam chances de manter-se circulando de forma mais duradoura. Pouco a pouco passaria a predominar a grande imprensa, praticante do denominado jornalismo empresarial, que se cristalizaria ainda mais a partir dos anos trinta, mas que já nos primórdios do século XX, lançava suas primeiras sementes.

Ao passo que as atividades jornalísticas começavam a concentrar-se em torno das publicações melhor estruturadas, havia também uma centralização em torno das grandes cidades, uma vez que alguns periódicos das mesmas, normalmente os das capitais estaduais, iniciavam uma caminhada de ampliação de exemplares impressos e uma distribuição mais ampla e sistemática, atingindo inclusive as cidades do interior, causando forte impacto no jornalismo praticado nessas localidades. No caso do Rio Grande do Sul, o jornal que se tornaria o protótipo desse processo histórico seria o *Correio do Povo*, primeira folha gaúcha que representaria a contento o jornalismo empresarial. A cidade do Rio Grande bem demonstrava esse processo. Detentora de uma das mais importantes imprensas no quadro rio-grandense do século XIX, na centúria seguinte passou a ver essa posição decair, de modo que, ao passo que nos oitocentos chegou a ter quatro jornais diários circulando simultaneamente, nos novecentos, viu esses números

decaindo constantemente para três, dois e, bem mais recentemente, um.

Esse processo desencadeou-se paulatinamente, entretanto, nos primeiros anos do século XX, a cidade do Rio Grande veria desaparecer duas de suas mais importantes folhas, uma delas era o *Artista*. Essa folha foi criada em 1862, como uma típica representante da pequena imprensa, quer seja era um semanário de pequeno formato publicado por artífices. Aos poucos, o *Artista* progrediria em termos tipográficos e editoriais, transformando-se em um dos mais importantes diários comerciais rio-grandinos. O jornal apresentou uma identidade com os princípios dos liberais rio-grandenses e sustentou o conflito discursivo típico das disputas partidárias da época imperial. A República traria uma série de indefinições ao periódico, que buscava manter um caminho de certa independência e neutralidade, embora, mesmo que nas entrelinhas, não se coadunasse à situação vencedora, ainda mais se tratando do quadro regional e o ferrenho domínio do modelo castilhistaborgista⁴⁰.

Além de ter perdido parcialmente seu norte editorial no que tange à orientação político-partidária, o *Artista* também iria sofrer com os efeitos da forte repressão mantida sobre o jornalismo nos primeiros tempos republicanos, mormente durante o desencadear da Revolução Federalista. A partir de 1901, o jornal passou por uma etapa de completa indefinição editorial,

⁴⁰ A respeito da história do *Artista*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2002. p. 231-269.

além de publicar artigos e manifestos tanto de castilhistas quanto de federalistas, a folha, em uma espécie de retorno às origens, voltou a tratar de assuntos intrinsecamente ligados ao operariado. No ritmo dessa indecisão quanto aos rumos editoriais, o periódico chegou a editar uma “Seção Operária” e artigos doutrinários a respeito do socialismo e das formas de organização dos trabalhadores. Nessa época, o responsável pelo jornal, Franklin da Fonseca Torres, teve de ausentar-se da cidade, deixando a sua publicação sob a responsabilidade de funcionários, período no qual, o número de anúncios diminuiu sensivelmente. Ao completar seu quadragésimo aniversário, o próprio diário reconhecia as dificuldades que enfrentava, afirmando que a sua publicação atravessava um sem número de obstáculos cada qual mais terrível e que só lutando titanicamente contra os escolhos de uma existência tormentosa, era conseguida a manutenção da sua circulação⁴¹.

Ocorreram constantes tentativas de reorganização da folha, buscando modernizá-la e adaptá-la aos novos tempos vividos pelo jornalismo. Foram anunciadas várias reformas tipográficas e prometidas diversas “novas fases”, à medida em que diferentes redatores eram contratados. Nessa busca de modernização o diário rio-grandino chegou a publicar caricaturas e fotografias nas suas páginas, essas tentativas não passaram, porém, de experiências pouco duradouras. Com o retorno de seu proprietário, o periódico passou por uma breve recuperação, mormente entre 1906 e 1907, quando obteve uma certa reordenação

⁴¹ ALVES. 2002. p. 262.

financeira e uma razoável reorganização editorial, buscando sustentar o modelo de uma publicação de caráter informativo.

Apesar das constantes reformas, “novas fases” e tentativas de modernização, a crise do periódico aprofundava-se e a quantidade de publicidade estampada em suas páginas decaía constantemente. Diante dessa situação, Franklin Torres optou por vender o *Artista* em outubro de 1911. Seu novo proprietário, entretanto, utilizaria a folha quase que exclusivamente para sustentar seus interesses pessoais e partidários, o que levaria a um desgaste profundo e sem volta, promovendo o desaparecimento do *Artista* em agosto de 1912⁴². Em uma de suas “novas fases” o *Artista* inaugurou uma prática pouco comum ao jornalismo diário até então, a inclusão de uma seção ilustrada em sua primeira página. Nessa seção predominou a utilização da caricatura. Tratava-se de uma inovação e tanto, uma vez que misturava o tradicional unívoco e monolítico discurso da imprensa dita séria, na qual estavam inseridos os jornais diários com as estratégias discursivas paradoxais características da pequena imprensa⁴³.

Nessa linha, ao incluir a caricatura em suas páginas o *Artista* buscava adotar novas estratégias discursivas e editoriais que conquistassem o público leitor e proporcionassem melhores condições de adaptação à etapa pela qual passava o jornalismo. Essa “nova fase” do periódico foi inaugurada a 15 de dezembro de 1905, e o próprio editorial já buscava

⁴² ALVES. 2002. p. 263-264.

⁴³ ALVES. 2002. p. 23-24.

demarcar os novos rumos. Afirmava a folha que na nova fase em que entrava, apresentava-se ao público como órgão essencialmente popular, portanto, sem filiações partidárias, indo ao encontro da propalada neutralidade que se tornava quase que um chavão entre muitos jornais da época. Declarava que pretendia lutar pelo povo e, se o povo lhe tivesse amor, ufano poderia dizer como o nobre cavaleiro antigo que, ao voltar das rudes pelejas, oferecia a fronte ao beijo do Patriarca de Atenas: “Esta é a minha legítima glória”. Destacava também a folha que todas as classes, à frente das quais estariam o comércio e a indústria, como sólido fator do progresso que pelo trabalho fecundo e pela atividade criadora engrandeciam o Rio Grande – alvo dileto dos afetos e devotamentos do jornal – teriam as energias e as dedicações do *Artista* para servi-las com desinteresse e altivez. Alertava, porém, que não queria fazer maiores promessas, pois a sua atuação na imprensa do Rio Grande – ação que deveria ser sempre honesta e digna, generosa e elevada – teria mais positiva eloquência do que teriam quaisquer promessas que naquele momento fossem feitas.

Na edição do dia seguinte, o periódico destacava as repercussões de suas mudanças editoriais. Explicava que não faria reclame para o *Artista*, porque isso importaria em uma insinuação à inteligência e à perspicácia do público que bem sabia que a folha, nos moldes com que se apresentara, teria naturalmente de alcançar o mais largo sucesso, o mais vasto acolhimento. Mas, ao mesmo tempo, intentava deixar expresso o seu agradecimento ao público que, compreendendo os imensos esforços e as grandes despesas advindas da nova feição que tomara o *Artista*, amplamente estaria

distinguindo o antigo órgão rio-grandense com o seu amparo, o qual significava a garantia de êxito na sua fase nova e com a sua simpatia que trazia em si o mais grato conforto moral. A publicação rio-grandina agradecia também aos colegas jornalistas pela maneira gentil com que saudaram o *Artista* pela sua reforma editorial.

A “nova fase” do *Artista* trazia também uma novidade na sua redação. Era Luís França Pinto, nascido na cidade do Rio Grande em 1860 e falecido na mesma comuna em 1935. O novel redator da folha rio-grandina iniciara sua carreira no mundo das letras através da poesia, tendo publicado *Borboletas* em 1893. Permaneceu pouco tempo no *Artista*, entre 1905 e 1906. Em 1916 tornou-se Bacharel pela Faculdade de Direito de Pelotas, vindo a atuar como advogado em sua cidade natal. Não deixou de lado as lides intelectuais, atuando também como professor. Na área educacional, foi Secretário do Ginásio Lemos Júnior, chegando a ser diretor da mesma escola entre 1921 e 1930, ano em que se aposentou⁴⁴.

A seção ilustrada do *Artista* não se tratava de nenhum primor técnico ou artístico, apresentando, inclusive, no breve período que existiu, vários e graves problemas de composição tipográfica. Se comparados aos desenhos apresentados na própria imprensa caricata rio-grandina há pelo menos quatro décadas, ou até mesmo às estampas publicadas junto a alguns anúncios da própria folha, a qualidade é bastante inferior. Não houve qualquer identificação quanto ao autor das

⁴⁴ Dados obtidos a partir de: MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/ IEL, 1978. p. 442.; e VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação/ IEL, 1974. p. 380.

gravuras, mas o estilo não era parecido com o dos caricaturistas que já haviam trabalhado na cidade portuária. Esse é um detalhe que chama atenção, uma vez que ainda se fazia presente no Rio Grande um dos mais tradicionais artistas da caricatura – Thádeo Alves do Amorim – que trabalhara e fora proprietário, redator e desenhista de vários hebdomadários caricatos rio-grandinos. Além de ainda estar na ativa, Alves do Amorim contava com a simpatia dos responsáveis pelo *Artista*, pois, seguidamente, suas iniciativas no campo da caricatura eram anunciadas cordialmente pela publicação diária. Ao lado do pouco primor dos desenhos, havia outros sérios problemas de redação, linguísticos, de diagramação e mesmo de impressão, os quais prejudicaram em muito a nova experiência.

Apesar dos problemas, o *Artista* buscou sustentar a novidade de trazer um complemento visual às suas edições, expressando através de desenhos em geral e da caricatura mais particularmente uma série de construções discursivas, levando ao público leitor o debate a respeito de variados assuntos do momento. Era uma nova estratégia, para uma “novel fase” e, ainda que limitada cronologicamente, demonstrava a vontade de continuar dos responsáveis pela folha, lançando-se, inclusive, a inovadoras e arriscadas experiências. Constituíam-se assim, no intento do jornal diário o somatório entre a tradicional ordenação discursiva e editorial calcada exclusivamente no texto, com o apelo que a imagem vinha trazendo aos leitores já há bastante tempo.

Cotidianos portuários e caricatura

A caricatura praticada junto à imprensa rio-grandina mostraria várias cenas nas quais o cais do Porto do Rio Grande aparecia como cenário para o desenrolar de episódios que serviam normalmente para expressar a crítica política, a social e a de costumes. Em uma delas, o bobo da corte⁴⁵, simbolizando o jornalismo caricato, recebe um político em cuja pasta estava escrito “privilégio não sei de que”, lançando dúvidas sobre a sua honestidade e apontando a necessidade de investimentos no estabelecimento portuário. – “Por aqui, Sr. Tenente Coronel, que falta já nos fazia!... Então?... sempre arranjou alguma patotinha?... Pelo menos uns 1.200:000\$ para o cais ?!...”⁴⁶. Em outra, uma atriz deixava a cidade pelo Porto, sobre a legenda – “O nosso delegado dando à atriz Gilda plenos poderes para poder viajar sem passaporte da polícia...”⁴⁷. Nas entrelinhas, era colocada sob suspeita as atitudes de ambos os personagens, o homem, por ser autoridade pública e estar prestando favores especiais e a mulher pelos

⁴⁵ O bobo da corte foi uma das formas simbólicas mais utilizadas para representar o próprio caricaturista. No que tange ao simbolismo, o bobo da corte constitui uma personagem não necessariamente cômica, mas sim dual, como aquela que representa – em outras palavras, é aquele que diz em tom duro as coisas agradáveis e em tom jocoso as terríveis, consistindo, sinteticamente, na paródia encarnada (CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984. p. 120; CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 680).

⁴⁶ DIABRETE. Rio Grande, 27 de outubro de 1878.

⁴⁷ DIABRETE. Rio Grande, 27 de outubro de 1878.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

possíveis “favores” que poderia ter dado em troca daqueles. Tais pechas comportamentais podem ser detectadas ou ao menos presumidas como possibilidades a partir das suspeitas normalmente atribuídas às mulheres que então seguiam a vida artística, ou ainda a uma camuflada perspectiva acerca da prostituição.





Vários habitantes do Rio Grande, tal qual turba enraivecida expulsava comerciante considerado desonesto, o qual, em barco, não deixava de corresponder à animosidade que lhe era destinada, em clara manifestação de crítica social e de costumes. A legenda era: “Vai, charlatão, matar noutra freguesia,

aqui já não arranjas para o café!...”⁴⁸. Uma outra caricatura fazia uma sugestão bem-humorada de que, diante do calor, as pessoas fossem aos cais do Porto, pulando às águas, mesmo que vestidas, para refrescar-se. – “Parece que neste verão temos de usar desta receita”⁴⁹. Ainda que muitas vezes os caricatos tenham sido considerados “pornográficos” por alguns de seus contemporâneos mais conservadores, esse gênero jornalístico mantinha uma linha de conduta, tanto que aqueles que se atiravam às águas permaneciam vestidos, por um lado para demonstrar o inusitado da situação, buscando denotar os efeitos do extremo calor, mas, por, outro, mantendo a decência segundo os padrões morais e comportamentais de então, ficando como simbólico de tal cuidado o fato de que a mulher que se jogava do cais tinha as mãos segurando o vestido para que ele não levantasse com o deslocamento do ar, vindo a mostrar particularidades que, à época, não deveriam ser tornadas públicas. O absurdo do humor se misturava à realidade que se buscava retratar também no fato da utilização de guarda-chuvas, inútil para pessoas totalmente ensopadas, mas também servindo contra a inclemência da ação solar. Além disso, a crítica também se direcionava à moda imposta à população pelos padrões europeus, obrigando mulheres e homens a usarem roupas indevidas às condições climáticas do verão sulino.

⁴⁸ DIABRETE. Rio Grande, 15 de dezembro de 1878.

⁴⁹ DIABRETE. Rio Grande, 21 de novembro de 1880.



RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

A figura feminina era utilizada para representar elementos constitutivos da sociedade. O Porto do Rio Grande atuou largamente como a porta de entrada da província, mas não só para mercadorias, como também para pessoas, ideias e informações. As manifestações artísticas também davam entrada à cidade pelo seu Porto, como no caso em que uma dama, representando a comunidade rio-grandina, recebia uma jovem, simbolizando a arte dramática⁵⁰. O beijo afetuoso entre elas designava a importância que se atribuía à presença de apresentações artísticas na urbe, tanto para o aprimoramento cultural dos cidadãos como para bem tentar demonstrar que a cidade era bafejada pelos ares da “civilização”. A crítica social e de costumes mais uma vez vinha à baila, mostrando-se um guarda da alfândega que cria ratazanas, como “um novo ramo de indústria, isento de direitos”⁵¹. O simbolismo do rato⁵² denotava a intenção da caricatura em denunciar as atividades ilícitas praticadas pelo funcionário público responsável pelo fisco governamental.

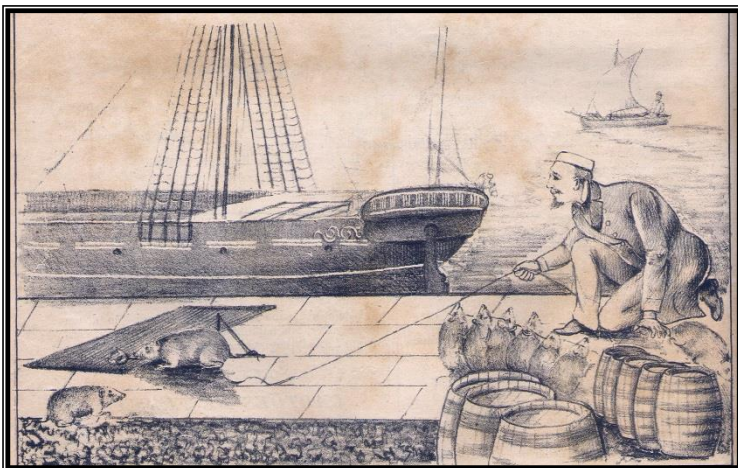
⁵⁰ MARUÍ. Rio Grande, 19 de dezembro de 1880.

⁵¹ DIABRETE. Rio Grande, 20 de fevereiro de 1881.

⁵² O rato no caso representa a corrupção, referindo-se a um animal esfomeado, prolífico e noturno, que aparece também como uma criatura temível, até infernal, sendo ainda tido como impuro e como uma imagem da avareza, da cupidez, da atividade noturna e clandestina e, enfim, considerado como um ladrão. CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 770-771.



RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA



Outra faceta do cotidiano portuário foi demonstrada na recepção promovida aos engenheiros que vinham tratar da estrada de ferro. Pessoas aglomeradas ao cais confundiam-se com a floresta de mastros na espera da embarcação que trazia os convidados. A legenda do desenho era provocativa em relação à cidade vizinha: “Aspecto que apresentava a Rua da Boa Vista, com a chegada dos ilustres engenheiros para a estrada do sul. Parabéns aos rio-grandenses (rio-grandinos). Pêsames aos pelotenses⁵³. Foi publicada também uma caricatura que servia como denúncia aos riscos da superlotação de uma embarcação. – “No pequeno vapor *Itapuã*, embarcaram com destino a Porto Alegre 700 passageiros!!! Que grande banquete humano não teriam os habitantes do mar se a Divina

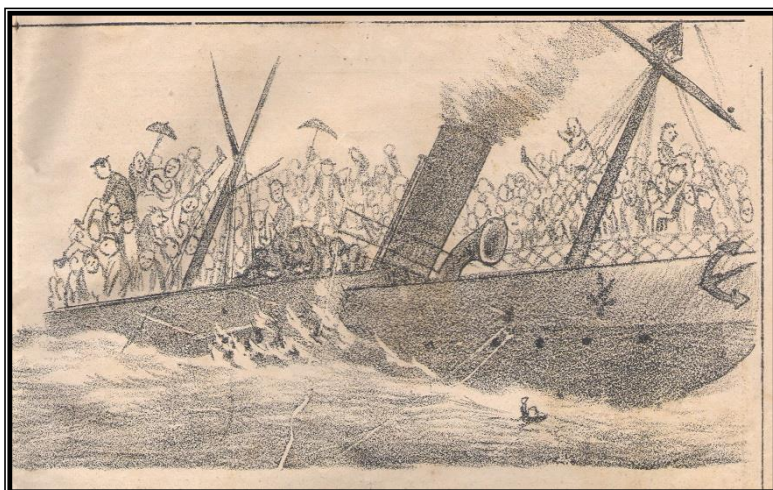
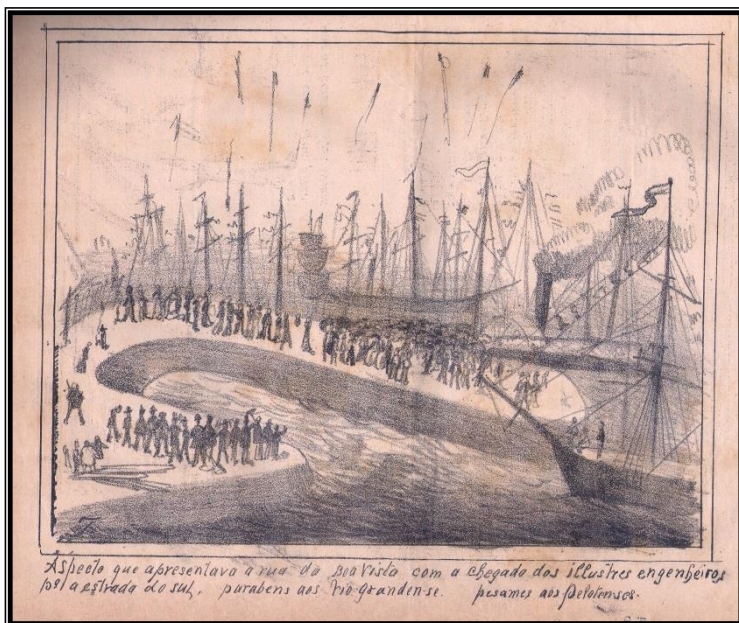
⁵³ MARUÍ. Rio Grande, 29 de maio de 1881.

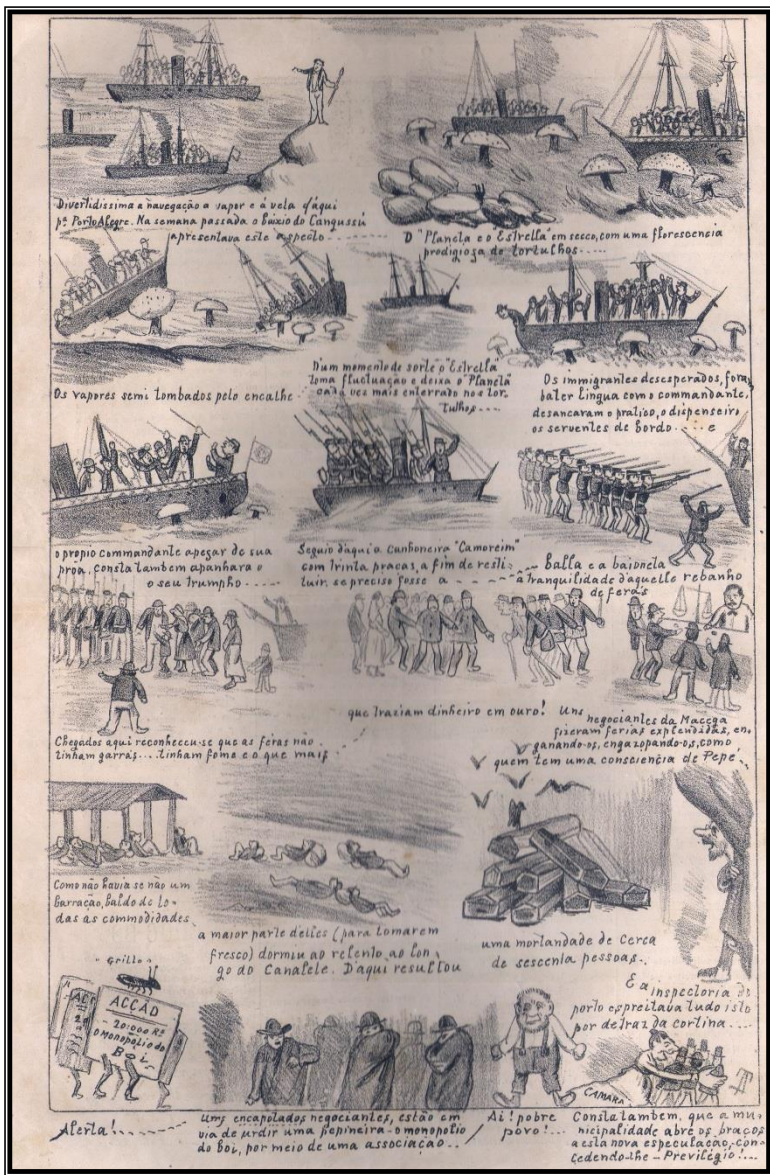
Providência não velasse por essas criaturas..."⁵⁴. Homens e mulheres apareciam amontoados no barco, em risco pleno, um dos passageiros caíra às turbulentas águas. As pessoas aparecem representadas por rabiscos, desenhos imprecisos que deixavam revelar apenas suas silhuetas, em uma alusão à desconsideração dos responsáveis por tal situação para com o ser humano, tratado como uma massa, disforme e impessoal e, por conseguinte, sem importância. Não fugindo a seu conteúdo crítico-opinativo, em um conjunto de irônicas caricaturas, a imprensa caricata permanecia a demonstrar as dificuldades de navegação. Eram retratados os sobressaltos por que passavam os passageiros de embarcações que viajavam do Rio Grande a Porto Alegre, ou os sofrimentos de um grupo de imigrantes que chegava à cidade portuária. Mantendo seu estilo, a caricatura tecia acres censuras às autoridades governamentais que, ou assistiam passivas, ou eram coniventes com tal situação⁵⁵. Nos desenhos os passageiros, mormente os imigrantes, eram entregues à própria sorte, abandonados pelos administradores públicos, tendo de dormir no cais, ao relento, além de serem explorados pelos comerciantes e de permanecerem à mercê de ladrões.

⁵⁴ BISTURI. Rio Grande, 3 de fevereiro de 1889.

⁵⁵ BISTURI. Rio Grande, de 16 de novembro de 1890.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA





RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE PORTUÁRIA

Um outro momento do cotidiano apresentado pelas folhas caricatas era a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, a qual promovia ampla mobilização comunitária, revelando a significativa interface da urbe para com as águas que a cercavam⁵⁶. O estabelecimento portuário como porta de entrada do Rio Grande do Sul também era apresentado em várias recepções e despedidas feitas a artistas no Porto rio-grandino. Foi o caso do caricaturista que homenageava um literato que chegava à cidade⁵⁷. Em outro caso, no Porto, artistas se despediam da população. “Na quinta-feira passada, embarcou para o Rio a festejada Companhia de Operetas, levando o bando das ‘suas canárias cantoras’. A despedida dos seus admiradores foi uma cena comovente”⁵⁸. Outro desenho representava um escritor lusitano deixando a cidade – “Partiu para a Capital Federal o ilustre escritor português Senna Freitas. Ao seu embarque compareceu grande número de sumidades políticas e literárias”⁵⁹. Outra faceta cotidiana demonstrada nos desenhos caricatos era a travessia para a localidade vizinha. – “Realiza-se hoje, ao meio dia, a experiência do vapor *Dominguito* que vai ser empregado na carreira entre esta cidade e São José do Norte”⁶⁰. O espírito era de exultação, o símbolo da caricatura, o bobo da corte, à beira do cais, em meio aos arganêus, com um lenço a mão, onde aparecia escrita a palavra “bravo”,

⁵⁶ BISTURI. Rio Grande, de 1º de fevereiro de 1891.; BISTURI. Rio Grande, de 7 de fevereiro de 1892.

⁵⁷ BISTURI. Rio Grande, 29 de março de 1891.

⁵⁸ BISTURI. Rio Grande, 17 de maio de 1891.

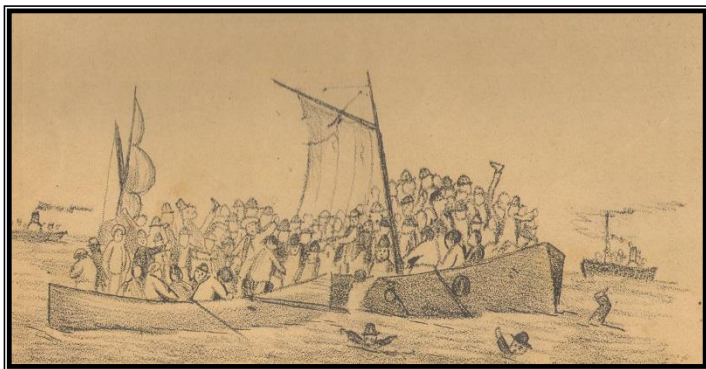
⁵⁹ BISTURI. Rio Grande, 8 de maio de 1892.

⁶⁰ BISTURI. Rio Grande, 26 de novembro de 1893.

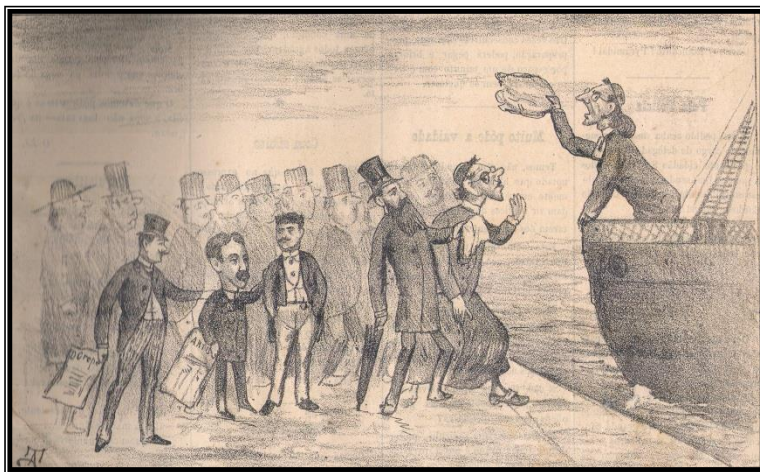
saudava os navegantes, que seguiam para São José do Norte, em barco abarrotado de damas e cavalheiros acompanhados por banda de música que demarca o auspicioso fato.



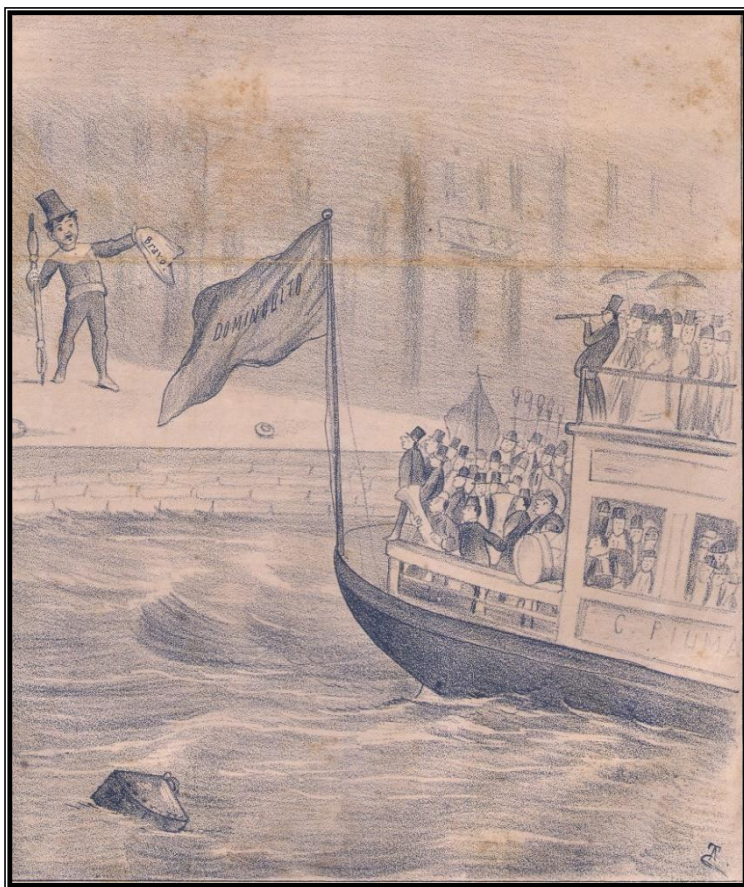
RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA



O Porto como ambiente à crítica social e de costumes aparecia ainda em caricatura na qual uma autoridade policial prendia malfeitor que tentava fugir pelo Porto – “Esta simpática autoridade acaba de deitar a mão no célebre gatuno Cardoso, na ocasião em que procurava embarcar no *Rio Paraná*, com destino à Capital

Federal”⁶¹. Buscando dar a ideia do bem e do mal retratados, o desenho mostrava o representante da lei em proporção bem maior em relação ao bandido, ao mesmo tempo em que aquele aparecia com as feições bem distintas e demarcadas, de modo a reconhecer-se o “valor” do personagem retratado, ao passo que o infrator era apresentado em verdadeiro rascunho, com aparência difusa. Na mesma linha, era apresentada a pompa da elite local preparando-se para recepcionar um banqueiro no cais do Porto. – “Na semana passada, só se falava na próxima vinda a esta cidade do opulento banqueiro, Conde São Sebastião Pinto... Barões, comendadores, figurões da alta camada preparam-se para prestar as honras devidas a tão conspícua individualidade. Esperava-se uma estrondosa manifestação a flores, abraços e beijocas...”⁶². A ironia era a marca registrada da caricatura em sua crítica social mordaz à porção mais endinheirada da sociedade rio-grandina, representada por indivíduos bem vestidos e demonstrando ares de profunda arrogância em seus rostos.

⁶¹ BISTURI. Rio Grande, 24 de janeiro de 1892.

⁶² BISTURI. Rio Grande, 5 de junho de 1892.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA



Na virada do século XIX à centúria seguinte os obstáculos ao acesso pelo litoral rio-grandino pareciam finalmente encontrar uma solução, com a assinatura de contratos para a construção dos molhes da Barra e do Novo Porto. Entretanto, a demora na implementação de medidas concretas e os constantes problemas de solução de continuidade causavam certas desconfianças no seio da comuna. Tais esperanças e desesperanças foram bem retratadas pela caricatura ao mostrar as pessoas à beira

do cais, pensando e/ou discutindo sobre a situação. Assim, as incongruências e idiosincrasias que marcavam a temática em torno da Barra e do Porto não deixariam de ser expressas através da arte caricata veiculada através da imprensa.

Nesse sentido, algumas caricaturas publicadas no *Artista* bem demonstravam o ambiente de otimismo. Em uma delas, o Zé Povo, diante de um cágado, como símbolo da lentidão, afirmava que, afinal, com a abertura da Barra, era possível que o Rio Grande deixasse de ser um cágado no caminho do progresso. Em outra, um votante, sentado à beira do cais, observando o movimento das embarcações, abria seu voto para um candidato que, na concepção do jornal, muito teria contribuído na execução das obras, dizendo que se não fosse ele, na questão da Barra, ele ficaria a ver navios⁶³. Por outro lado, o Zé Povo e um gaúcho, em outras duas ilustrações, falavam diretamente com o Presidente da República, demonstrando ampla desconfiança, ao fazer referência à assinatura do contrato para os serviços da Barra, sugerindo que o mesmo não fosse efetivado nos termos pretendidos⁶⁴. Ao representar o povo, como símbolo dos mais humildes, refletindo sobre aquelas questões estruturais, ou até mesmo entabulando conversas com a maior autoridade pública federal, a caricatura demonstrava um certo idealismo otimista ao imaginar uma sociedade onde os segmentos mais humildes teriam direito a uma participação mais efetiva na tomada de decisões acerca dos rumos do país.

⁶³ ARTISTA. Rio Grande, 4 de janeiro de 1906.

⁶⁴ ARTISTA. Rio Grande, 15 de janeiro de 1906; ARTISTA. Rio Grande, 16 de janeiro de 1906.

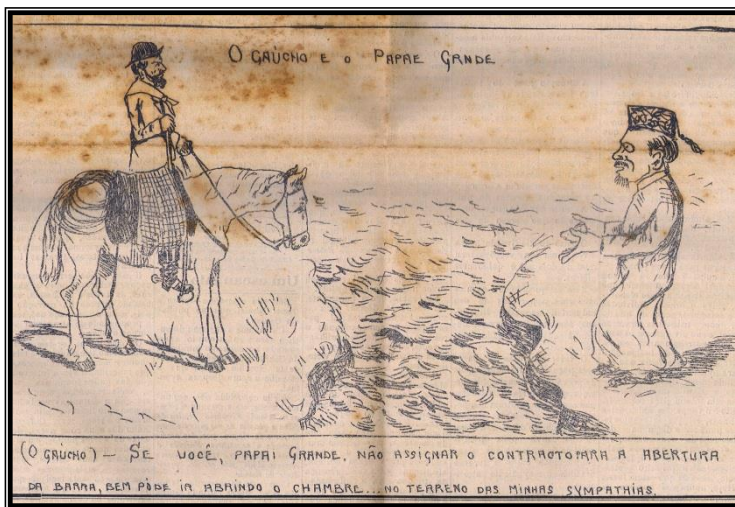
RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA





RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA





#####

Assim, cidadãos rio-grandinos e visitantes foram representados em várias circunstâncias à beira do cais portuário, demonstrando a inexorável interação entre o ambiente portuário e os habitantes da comuna. O Porto virava verdadeiro símbolo do Rio Grande, de modo que, para a demonstração de que um indivíduo estava na cidade, bastava desenhá-lo junto ao estabelecimento portuário. Com pesado ou refinado humor, aguda ironia e constante crítica, a caricatura mostrava uma outra faceta da sociedade rio-grandina, aquela em que as fraquezas e idiossincrasias humanas ganhavam relevo, ou ainda em que os sentimentos afloravam com maior evidência. Os breves traços ou bem elaborados desenhos traziam ao leitor realidades normalmente não veiculadas

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

pelos representantes da imprensa dita séria, permitindo uma compreensão diferenciada por parte dos receptores. O Porto aparecia dessa maneira não como um elemento estático e à parte do todo social e sim como um cenário vivo, presente, recorrentemente atuante e em plena interação com o cotidiano dos rio-grandinos.

Fontes documentais e bibliográficas para o estudo do Porto e da Barra do Rio Grande: arrolamento parcial

A formação histórica da cidade do Rio Grande e a de seu estabelecimento portuário são dois processos plenamente indissociáveis. Reciprocamente a história do Porto e da Barra acompanhou *pari passu* a história cidadina. Foi atravessando a já então conhecida como “Barra diabólica” que chegou às terras gaúchas a expedição fundadora que daria origem ao povoado, geoestrategicamente alocado naquela zona lindeira às águas e na única entrada do litoral rio-grandense. O núcleo urbano se desenvolveria no entorno costeiro. Perdida a vila, durante a invasão espanhola, foi pela via marítima que se preparou boa parte da resistência e da retomada lusitana. Foi através de seu ancoradouro que progressivamente o vilarejo se transformou em cidade e no mais importante entreposto comercial gaúcho. As melhorias no acesso marítimo foram o tema de maior mobilização da coletividade rio-grandina por séculos, sustentando aquilo que se transformou em uma aspiração comunitária. A paulatina construção do Porto Velho, pedaço a pedaço, contou com muito do esforço

dos cidadãos da urbe. A arrancada para a construção dos molhes da Barra e do Porto Novo foi um dos fatores motores para um incremento econômico citadino, atingindo uma fase de significativa industrialização. A estagnação entremeada por crises econômicas que atingiram a metade sul gaúcha, inserindo-se o Rio Grande nesse processo, tinha nas atividades portuárias uma tentativa de reação diante de tais males. A expansão portuária com a criação do Superporto significou uma alternativa naquele caminho de dificuldades, culminando com o presente tempo, em que o sistema portuário rio-grandino tende a constituir uma das possíveis opções de contornar ao menos em parte os óbices econômicos que ainda cercam a comunidade⁶⁵. Nesse quadro, um breve levantamento de fontes documentais e bibliográficas pode contribuir com um melhor entendimento de tal processo histórico, partindo desse pressuposto o escopo deste trabalho.

Fontes documentais

Periódicos

AGORA. Rio Grande, 1975-2020.

A IMPRENSA. Rio Grande, 1855.

⁶⁵ ALVES, Francisco das Neves. *Porto e Barra do Rio Grande: história, memória e cultura portuária*. Porto Alegre: CORAG, 2008. p. 13-14. Texto publicado originalmente em: *Revista Biblos*. Rio Grande: Editora da Universidade Federal do Rio Grande, 2010. p. 139-161.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

ARTISTA. Rio Grande, 1862-1912.

BISTURI. Rio Grande, 1888-1893 e 1897-1915.

DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 1848-1910.

DIÓGENES. Rio Grande, 1885.

ECO DO SUL. Rio Grande, 1858-1934.

MARUÍ. Rio Grande, 1880-1882.

O ASMODEO. Rio Grande, 1881.

O COMERCIAL. Rio Grande, 1858-1882.

O DIABRETE. Rio Grande, 1875-1881.

O NOTICIADOR. Rio Grande, 1832-1835.

O OBSERVADOR. Rio Grande, 1832-1835.

O POVO. Rio Grande, 1856 e 1859.

O PROJETADO PORTO DAS TORRES e sua ligação por estrada de ferro à cidade de Porto Alegre. Série de artigos publicados nos jornais *Diário do Rio Grande*, *Eco do Sul* e *Artista*. Pelotas: Livraria Americana, 1891.

O TEMPO. Rio Grande, 1906-1960.

O RIO-GRANDENSE. Rio Grande, 1845-1858.

RIO GRANDE. Rio Grande, 1913-1993.

Manifestações, relatos e contratos de entidades/instituições públicas e/ou privadas:

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DA CIDADE DO RIO GRANDE. *Relatório apresentado ao Presidente da Província do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tipografia do Constitucional, 1872.

CÂMARA DE COMÉRCIO DO RIO GRANDE. *O Porto Marítimo do Rio Grande e a taxa dos canais interiores*. Rio Grande: Tipografia do Eco do Sul, 1931.

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DA CIDADE DO RIO GRANDE. *Memorial popular dirigido ao Governo Imperial sobre o melhoramento definitivo da Barra do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Livraria Rio-Grandense, 1888.

COMPAGNIE FRANÇAISE DU PORT DE RIO GRANDE DO SUL. *Coleção de Leis, Decretos, Contratos e demais atos relativos ou aplicáveis às obras da Barra e do Porto do Rio Grande do Sul organizada pela representação da Companhia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1913.

COMPAGNIE FRANÇAISE DU PORT DE RIO GRANDE DO SUL. *Resumo dos contratos de sua concessão – orçamento do Porto e das linhas – taxas de porto no Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1913.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

CONSÓRCIO LASA-SGTE. *Complexo portuário do Estado do Rio Grande do Sul – Plano Diretor de Desenvolvimento – Dados básicos*. DNPVN, 1974. v. 1. parte 1.

CONTRATO entre o Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil e a Sociéte Anonyme Franco-Brésilienne de Travaux Publics para execução das obras de melhoramentos da Barra do Rio Grande do Sul. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1891.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas. Diretoria de Obras do Porto e Barra do Rio Grande. *Questões portuárias: organização administrativa* (notas). 1946 (mimeo.).

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas. Diretoria de Obras do Porto e Barra do Rio Grande. *Apontamentos para a organização de um projeto de cais de petróleo para Rio Grande*. 1951 (mimeo.).

INSPETORIA DO 6º DISTRITO DOS PORTOS MARÍTIMOS. *Regulamento Interno da Comissão das Obras da Barra e do Porto do Rio Grande do Sul – Primeira Parte*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1891.

INSPETORIA FEDERAL DE PORTOS, RIOS E CANAIS. Porto do Rio Grande do Sul. *Coletânea de leis, documentos e demais atos oficiais relativos ao Porto do Rio Grande do Sul*,

concedido ao Estado do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 1926.

LA COMPAGNIE FRANÇAISE DU PORT DE RIO GRANDE DO SUL. Cessionária das Obras da Barra e de Melhoramento do Porto do Rio Grande do Sul. *Coleção de Leis, Decretos e mais atos do Governo Federal do Brasil, referentes ou interessando à Companhia no período de 1906-1909, organizada pela representação da mesma no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1910.

REGULAMENTO para a Praticagem da Barra do Rio Grande do Sul. Lisboa: Imprensa Nacional, 1849.

REGULAMENTOS, contratos, etc. relativos ao Porto do Rio Grande. Biblioteca Ernesto Otero. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

REPRESENTAÇÃO da Associação Comercial do Rio Grande ao Governo Imperial solicitando o imediato empreendimento das obras da Barra Geral da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul segundo o projeto do especialista holandês Sr. P. Caland, seguida da representação da Associação Comercial da cidade de Pelotas; do relatório do Sr. P. Caland; do parecer do Dr. H. Bicalho sobre o mesmo relatório; de alguns trechos extraídos do último relatório da Associação Comercial desta praça, e dos extratos das partes da Barra Geral da Província, desde setembro de 1847 até julho de 1885. Rio Grande: Tipografia do *Artista*, 1886.

REPRESENTAÇÃO da Associação Comercial do Rio Grande ao Governo Imperial solicitando o imediato

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

empreendimento das obras da Barra Geral da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul segundo o projeto do especialista holandês Sr. P. Caland, seguida da representação da Associação Comercial da cidade de Pelotas e do ato de adesão da Associação Comercial da cidade de Porto Alegre. Rio Grande: Tipografia do *Eco do Sul*, 1886.

REPRESENTAÇÃO da Associação Comercial do Rio Grande ao Governo Imperial solicitando a execução das obras de melhoramento da Barra Geral da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul precisamente de acordo com o que foi indicado pelo malogrado Dr. Bicalho e pelo eminente profissional o Sr. Caland, isto é, por meio de adjudicação em uma ou mais empreitadas, por conta do Estado. Rio Grande: Tipografia do *Artista*, 1888.

REPRESENTAÇÃO da Associação Comercial da cidade do Rio Grande ao Governo Imperial solicitando a execução das obras de melhoramento da Barra Geral da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul precisamente de acordo com o que foi indicado pelo malogrado Dr. Bicalho e pelo eminente profissional o Sr. Caland, isto é, por meio de adjudicação em uma ou mais empreitadas, por conta do Estado. Rio Grande: Tipografia do *Eco do Sul*, 1888.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL.
Exposição comemorativa dos Centenários de Portugal – portos e navegação no Brasil. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Portos e Navegação, 1940.

SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. *Obras do Porto e Barra do Rio Grande do Sul – transferência ao estado dos contratos da Compagnie Française du Port de Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Federação, 1920.

Manifestos e relatórios oriundos de autoridades governamentais

ADITAMENTOS ao Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial pela Câmara Municipal da Cidade do Rio Grande. Rio Grande: Tipografia do *Eco do Sul*, 1883.

ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin e. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin e. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin e. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1910.

ANDRADE, Américo de Moura Marcondes de. *Relatório com que passou a administração da Província a Felisberto Pereira da Silva*. Porto Alegre: Tipografia do *Jornal do Comércio*, 1879.

ANDRÉA, Francisco José de Souza Soares de. *Aditamento feito ao Relatório que perante a Assembleia Legislativa*

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

Provincial dirigiu o Vice-Presidente da Província pelo Presidente da Província à mesma Assembleia. Porto Alegre: Tipografia do Comércio, 1848.

ANDRÉA, Francisco José de Souza Soares de. *Relatório do Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul na abertura da Assembleia Legislativa Provincial.* Porto Alegre: Tipografia do Porto-Alegrense, 1849.

ANDRÉA, Francisco José de Souza Soares de. *Relatório da Província do Rio Grande de São Pedro apresentado ao Conselheiro José Antonio Pimenta Bueno.* Rio de Janeiro: Tipografia Universal, 1850.

ASSUMPÇÃO, Carlos A. Ferreira de. *Relatório Apresentado ao Conselho Municipal do Rio Grande.* Rio Grande: Tipografia do Diário do Rio Grande, 1903.

AZAMBUJA, Darcy. *Mensagem enviada à Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1937.

BARROS, José Julio de Albuquerque. *Relatório apresentado a Miguel Rodrigues Barcellos ao passar-lhe a Presidência da Província.* Porto Alegre: Oficinas do Conservador, 1886.

BELLO, Luiz Alves Leite de Oliveira. *Relatório com que o Vice-Presidente entregou a Presidência da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul ao Barão de Muritiba.* Porto Alegre: Tipografia do Mercantil, 1855.

BOA-VISTA, Francisco do Rego Barros – Visconde da. *Relatório apresentado ao Vice-Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul Antonio Augusto Pereira da Cunha ao passar-lhe a administração*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1866.

BRANDÃO, Francisco de Carvalho Soares. *Relatório com que entregou a administração da Província do Rio Grande do Sul a Joaquim Pedro Soares*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1882.

BURLAMAQUI, Frederico Cezar. *Departamento Nacional de Portos e Navegação – Relatório dos serviços executados durante o ano de 1935*. Rio de Janeiro: Oficina dos Correios e Telégrafos, 1936.

BURLAMAQUI, Frederico Cezar. *Departamento Nacional de Portos e Navegação – Relatório dos serviços executados em 1936*. Rio de Janeiro: [s. l.], 1937.

BURLAMAQUI, Frederico Cezar. *Departamento Nacional de Portos e Navegação – Relatório dos serviços executados durante o ano de 1937*. Rio de Janeiro: [s. l.], 1938.

BURLAMAQUI, Frederico Cezar. *Departamento Nacional de Portos e Navegação – Relatório dos serviços executados em 1938*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica DNPN, 1939.

BURLAMAQUI, Frederico Cezar. *Departamento Nacional de Portos e Navegação – Relatório dos serviços executados em 1940*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

BURLAMAQUI, Frederico Cezar. *Departamento Nacional de Portos e Navegação – Relatório dos serviços executados em 1941*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

CÂMARA, Patrício Corrêa da. *Relatório do Vice-Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul na abertura da Assembleia Legislativa Provincial*. Porto Alegre: Tipografia do Mercantil, 1851.

CÂMARA, Patrício Corrêa da. *Relatório do Vice-Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul na abertura da Assembleia Legislativa Provincial*. Porto Alegre: Tipografia do Mercantil, 1857.

CAMPOS, Conrado Miller de. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal*. Rio Grande: Oficinas do Intransigente, 1901.

CARDOSO, Francisco de Paula. *Relatório da Administração do Porto de Rio Grande*. In: *Relatórios dos portos sob concessão do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.

CASTILHOS, Júlio Prates de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tipografia de Cesar Reinhardt, 1895.

CASTILHOS, Júlio Prates de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tipografia de Cesar Reinhardt, 1896.

CASTILHOS, Júlio Prates de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do*

Sul. Porto Alegre: Tipografia de Cesar Reinhardt, 1897.

CASTRO, João Capistrano de Miranda. *Relatório do Vice-Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul na abertura da Assembleia Legislativa Provincial*. Porto Alegre: Tipografia do Porto-Alegrense, 1848.

CASTRO, João Capistrano de Miranda e. *Relatório com que passou a administração da Província ao Presidente Francisco Xavier Pinto Lima*. Porto Alegre: Tipografia do Rio-Grandense, 1870.

CASTRO, João Dias de. *Fala dirigida à Assembleia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1877.

COELHO, Jeronymo Francisco. *Relatório do Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul na abertura da Assembleia Legislativa Provincial*. Porto Alegre: Tipografia do Mercantil, 1856.

CORTES, Clovis de Macedo. *Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais – Relatório dos serviços executados em 1945*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.

CORTES, Clovis de Macedo. *Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais – Relatório dos serviços executados em 1946*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950.

CORTES, Clovis de Macedo. *Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais – Relatório dos serviços executados em 1947*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

CORTES, Clovis de Macedo. *Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais – Relatório dos serviços executados em 1949*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1954.

CUNHA, Joaquim Vieira da Cunha. *Relatório com que passou a administração da Província a Guilherme Xavier de Souza*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1868.

CUNHA, José Antonio Flores da. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil e lido perante a Assembleia Constituinte do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Livraria do Globo, 1935.

DORNELLES, Ernesto. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1952.

DORNELLES, Ernesto. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1953.

DORNELLES, Ernesto. *Mensagem à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1954.

FARIAS, Osvaldo Cordeiro de. *Relatório apresentado ao Presidente da República pelo Interoventor Federal no Estado do Rio Grande do Sul durante o período de 1938-1943*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1943.

FERRAZ, Ângelo Moniz da Silva. *Relatório do Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul na abertura*

da Assembleia Legislativa Provincial. Porto Alegre: Tipografia do Correio do Sul, 1858.

FLORES, Carlos Thompson. *Relatório com que passou a administração da Província a Antonio Corrêa de Oliveira. Porto Alegre: Tipografia de A Reforma, 1880.*

FONTES, Menandro Rodrigues. *Relatório com que passou a administração da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul a José Julio de Albuquerque Barros. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1884.*

GALVÃO, Manoel Antonio. *Relatório do Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul na abertura da Assembleia Legislativa Provincial. Porto Alegre: Tipografia do Argos, 1847.*

GALVÃO, Manoel da Cunha. *Melhoramento dos Portos do Brasil. Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1869.*

GONÇALVES, Carlos Barbosa. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Oficinas da Livraria do Globo, 1908.*

GONÇALVES, Carlos Barbosa. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Oficinas da Livraria do Globo, 1909.*

GONÇALVES, Carlos Barbosa. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Oficinas da Livraria do Globo, 1910.*

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

GONÇALVES, Carlos Barbosa. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Livraria do Globo, 1911.

GONÇALVES, Carlos Barbosa. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Livraria do Globo, 1912.

GONÇALVES, José Barbosa. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1912.

GONÇALVES, José Barbosa. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1913.

GONÇALVES, José Barbosa. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.

GUERRA, Aldrovando. *Os 3 portos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Departamento Estadual de Estatística, 1954.

JOBIM, Walter. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1948.

JOBIM, Walter. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1949.

KONDER, Victor. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930.

LACERDA, Sebastião Eurico Gonçalves de. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.

LEÃO, Joaquim Antão Fernandes. *Relatório apresentado à Assembleia Provincial de S. Pedro do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tipografia do Correio do Sul, 1860.

LEÃO, Joaquim Antão Fernandes. *Relatório com que entregou a Presidência da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul ao Vice-Presidente Patrício Corrêa da Câmara*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal A Ordem, 1861.

LEMOS, Francisco de Assis. *Relatório com que passou a administração da Província a João Chaves Campello*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1878.

LIMA, Álvaro de Souza. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1951.

LIMA, Álvaro de Souza. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1952.

LIMA, Francisco Xavier Pinto. *Relatório com que abriu sessão da Assembleia Legislativa Provincial*. Porto Alegre: Tipografia do Rio-Grandense, 1871.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

LIMA, João de Mendonça. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

LIMA, José Antonio de Souza. *Fala dirigida à Assembleia Legislativa*. Porto Alegre: Tipografia do *Jornal do Comércio*, 1883.

LIMA, José Antonio de Souza. *Relatório com que passou a administração da Província do Rio Grande do Sul a Menandro Rodrigues Fontes*. Porto Alegre: 1883.

LISBOA, Bento Luiz de Oliveira. *Relatório apresentado a Rodrigo de Azambuja Villa Nova por ocasião de passar-lhe a administração da província*. Porto Alegre: Oficinas do *Conservador*, 1887.

LOPES, João Antonio. *Relatório da Câmara Municipal da Cidade do Rio Grande*. Rio Grande: Tipografia do *Eco do Sul*, 1861.

LOPES, Trajano Augusto. *Relatório da Intendência Municipal do Rio Grande apresentado ao Conselho Municipal*. Rio Grande: Oficinas do *Intransigente*, 1911.

LUCENA, Henrique Pereira. *Fala apresentada à Assembleia Legislativa Provincial do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas do *Conservador*, 1887.

LUCENA, Henrique Pereira de. *Relatório apresentado a Manoel Deodoro da Fonseca ao passar-lhe a administração da província*. Porto Alegre: Oficinas do *Conservador*, 1887.

LYRA, Augusto Tavares de. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.

LYRA, Augusto Tavares de. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1918.

LYRA, Augusto Tavares de. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917.

LYRA, Augusto Tavares de. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

MACHADO, Salvador Ayres Pinheiro. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1915.

MACHADO, Salvador Ayres Pinheiro. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1916.

MAIA, Alfredo Eugenio de Almeida. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

MAIA, Alfredo Eugenio de Almeida. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem*

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1900.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1903.*

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1904.*

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1905.*

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1906.*

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1913.*

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1914.*

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1917.*

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1918.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1919.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1920.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1921.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1922.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1923.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1924.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1925.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1926.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1927.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1928.

MELLO, Francisco Ignácio Marcondes Homem de. *Fala dirigida à Assembleia Legislativa da Província do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tipografia do Rio-Grandense, 1867.

MELLO, Francisco Ignácio Marcondes Homem de. *Relatório com que passou a administração da Província ao Vice-Presidente Joaquim Vieira da Cunha*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1868.

MELLO, Jerônimo Martiniano Figueira de. *Fala dirigida à Assembleia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tipografia do Rio-Grandense, 1872.

MEMORIAL que ao Exmo. Sr. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, M.D. Presidente da República, dirige a cidade do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, sobre a questão das taxas e regulamentos do Novo Porto. Rio Grande: Oficina Mignon – Oliveira & Pereira, 1916.

MENEGHETTI, Ildo. *Mensagem à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1957.

MORAES, João Pedro Carvalho de. *Fala com que abriu a Assembleia Legislativa Provincial*. Porto Alegre: Tipografia do Constitucional, 1873.

MORAES, João Pedro Carvalho de. *Relatório à Assembleia Legislativa Provincial*. Porto Alegre: Tipografia do Rio-Grandense, 1874.

MORAES, João Pedro Carvalho de. *Relatório com que passou a administração da Província a José Antonio de Azevedo Castro*. Porto Alegre: Tipografia do Rio-Grandense, 1875.

MÜLLER, Lauro Severiano. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1903.

MÜLLER, Lauro Severiano. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904.

MÜLLER, Lauro Severiano. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

MÜLLER, Lauro Severiano. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1906.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

MURTINHO, Joaquim. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1897.

NASCIMENTO, Alfredo Soares do. *Relatório da Intendência Municipal do Rio Grande apresentado ao Conselho Municipal*. Rio Grande: Oficinas do Rio Grande, 1914.

NASCIMENTO, Alfredo Soares do. *Relatório da Intendência Municipal do Rio Grande apresentado ao Conselho Municipal*. Rio Grande: Oficinas do Rio Grande, 1916.

PIMENTEL, Espiridião Eloy de Barros. *Relatório apresentado pelo Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul à Assembleia Provincial*. Porto Alegre: Tipografia do Correio do Sul, 1864.

PIRES, Antonio Olyntho dos Santos. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.

PIRES, Antonio Olyntho dos Santos. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896.

RELATÓRIO da Câmara Municipal da cidade do Rio Grande - 1845, 1847, 1851, 1853, 1854, 1855, 1856, 1858, 1859, 1860, 1861, 1862, 1863, 1864, 1865, 1867, 1869, 1870, 1871, 1872, 1873, 1874, 1876 e 1877.

RELATÓRIO da Câmara Municipal da cidade do Rio Grande apresentado à Assembleia Legislativa Provincial. Rio Grande: Tipografia do *Artista*, 1881.

RELATÓRIO da Divisão de Portos e Canais de Rio Grande. Rio Grande: DEPRC, 1957.

RIO, José Pires do. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1920.

RIO, José Pires do. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.

RIO, José Pires do. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil* (1920). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922.

RIO, José Pires do. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil* (1921). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922.

ROCHA, Francisco de Assis Pereira. *Relatório com que entregou a Presidência da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul ao Vice-Presidente Patrício Corrêa da Câmara*. Porto Alegre: Tipografia do *Mercantil*, 1863.

SÁ, Francisco. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

SÁ, Francisco. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil - 1923*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1925.

SÁ, Francisco. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil - 1924*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1925.

SÁ, Francisco. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928.

SANTA TECLA, Joaquim da Silva Tavares, Barão de. *Fala dirigida à Assembleia Legislativa Provincial de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1889.

SEABRA, J. J. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1911.

SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Direção Geral do Porto e Barra do Rio Grande. *Relatório Anual - 1921*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Federação, 1921.

SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Direção Geral do Porto e Barra do Rio Grande. *Relatório Anual - 1922*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Federação, 1922.

SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Direção Geral do Porto e Barra do Rio Grande. *Relatório Anual - 1923*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Federação, 1923.

SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Direção Geral do Porto e Barra do Rio Grande. *Relatório Anual* – 1924. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da *Federação*, 1924.

SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Direção Geral do Porto e Barra do Rio Grande. *Relatório Anual* – 1925. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da *Federação*, 1925.

SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Direção Geral do Porto e Barra do Rio Grande. *Relatório Anual* – 1926. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da *Federação*, 1926.

SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Direção Geral do Porto e Barra do Rio Grande. *Relatório Anual* – 1927. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da *Federação*, 1927.

SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Direção Geral do Porto e Barra do Rio Grande. *Relatório Anual* – 1928. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da *Federação*, 1929.

SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Direção Geral do Porto e Barra do Rio Grande. *Relatório Anual* – 1929. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da *Federação*, 1930.

SILVA, Antonio Augusto da. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.

SILVA, Antonio da Costa Pinto. *Relatório com que o Presidente da Província passou a administração da mesma a Israel Rodrigues Barcellos*. Porto Alegre: Tipografia do Rio-Grandense, 1869.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

SILVA, Felisberto Pereira da. *Relatório com que passou a administração da Província a Carlos Thompson Flores*. Tipografia da Livraria Americana, 1880.

SINIMBÚ, João Lins Vieira Cansansão de. *Relatório do Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul na abertura da Assembleia Legislativa Provincial*. Porto Alegre: Tipografia do Mercantil, 1853.

SOARES, Joaquim Pedro. *Relatório com que passou a administração da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul a José Leandro de Godoy e Vasconcellos*. Porto Alegre: Tipografia do Conservador, 1882.

SOUZA, Antonio Francisco de Paula. *Relatório apresentado ao Vice-Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893.

VARGAS, Getúlio. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1928.

VARGAS, Getúlio. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1929.

VARGAS, Getúlio. *Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1930.

VASCONCELLOS, José Leandro de Godoy e. *Fala dirigida à Assembleia Legislativa*. Porto Alegre: Tipografia de Gundlach & Cia., 1882.

VASCONCELLOS, José Leandro de Godoy e. *Relatório apresentado ao passar a administração da Província a Leopoldo Antunes Maciel*. Porto Alegre: Tipografia do Mercantil, 1882.

VIEIRA, Severino dos Santos. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899. p. 558-562.

VILLA NOVA, Rodrigo de Azambuja. *Relatório apresentado a Joaquim Jacintho de Mendonça ao passar-lhe a administração da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: [s. l.], 1887.

Projetos e relatórios técnicos

AHRONS, Guilherme. *Breve contestação ao relatório confeccionado pelo Ilmo. Sr. Dr. H. Bicalho sobre os melhoramentos da Barra do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tipografia de Gundlach & Comp., 1884.

AHRONS, Guilherme. *Estudos sobre a Barra do Rio Grande*. São Jerônimo: Tipografia de A Razão, 1888.

ATLAS - Obras do Porto e Barra do Rio Grande do Sul (histórico). Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Federação, 1926.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

BASTOS, José Joaquim de Carvalho; AHRONS, Guilherme. *Projeto de melhoramento da Barra e construção de um porto no Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Tipografia e Litografia de Moreira, Maximino & Cia., 1882.

BICALHO, Francisco de Paula. *Exposição do plano para a realização do melhoramento dos portos da República e projeto para o prolongamento das obras do Porto do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

BICALHO, Honório. *Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas – Província do Rio Grande do Sul – Melhoramento da Barra e da navegação interior da província – Relatório apresentado ao Governo Imperial*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883.

CALAND, Pieter. *Amélioration de la Barre de Rio Grande do Sul – Brésil: rapport présenté au Gouvernement Brésilien*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886.

CÂMARA, José Ewbank da. *Cais provincial do Rio Grande: considerações sobre o Edital da Diretoria de Obras Públicas*. Rio de Janeiro: Tipografia G. Leuzinger & Filhos, 1873.

COUTO, A. J. da Costa. *Conferências sobre melhoramentos da Barra do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1897.

COUTO, A. J. da Costa. *Comissão de Estudos de Portos e Canais Marítimos na Europa (quarto relatório): Melhoramentos da Barra do Rio Grande do Sul, publicado por*

ordem do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas.
Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.

DOMINGUES, Hercílio I. *Contribuição ao estudo do regime de portos e o exemplo do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Federação, 1927.

DURÃO, Hygino Corrêa. *Exposição apresentada aos Ilmos. Srs. Deputados Provinciais.* Rio Grande: [s. l.], 1869.

GONÇALVES, Carlos Torres. *Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas – Plano Geral de Viação do Estado: bases para apreciação geral.* Porto Alegre: Oficinas da Federação, 1931.

HALL, Viriato Duarte. *Praticagem e roteiro da costa sul do Brasil – do Rio de Janeiro a Montevidéu.* Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1901.

HAWKSHAW, John. *Melhoramento dos portos do Brasil – Relatórios.* Rio de Janeiro: Tipografia G. Leuzinger & Filhos, 1875.

HOFMANN, Benno. *A fixação das dunas, com referência especial ao litoral do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, 1940.

HOFMANN, Benno. *Francisco de Paula Bicalho – palestra realizada em 18 de julho de 1947 na Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul.* Acervo da Biblioteca Rio-Grandense (mimeo.).

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

INSTITUTO DE PESQUISAS HIDRÁULICAS. *Relatório-diagnóstico sobre a melhoria e o aprofundamento do acesso pela Barra de Rio Grande*. Porto Alegre: UFRGS, 1969.

LISBOA, Alfredo. *Portos do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1925.

MALAVAL, Basile. *Travaux du Port et de la Barre de Rio-Grande-do-Sul (Brésil)*. Paris: Léon Eyrolles Éditeur, 1923.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS. *Melhoramento da Barra do Rio Grande do Sul – Relatório apresentado ao Governo Imperial – texto*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS. *Melhoramento da Barra do Rio Grande do Sul – Relatório apresentado ao Governo Imperial – Comissão de Melhoramento da Barra do Rio Grande do Sul – Apêndices*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883.

MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS. Inspetoria Federal de Portos, Rios e Canais. *Portos do Brasil – atlas*. Rio de Janeiro: Empresa Brasil Editora, 1923.

MORAES, Eduardo José de. *Pareceres sobre o projeto apresentado sob o título o canal de junção da Laguna a Porto Alegre e plano para a execução do mesmo projeto submetido à consideração do Governo Imperial*. São Paulo: Tipografia de Jorge Seckler, 1879.

PRZEWODOWSKI, Estanislão; SOUZA FIHO, Collatino Marques de. *A Barra do Rio Grande do Sul: causas da obstrução e remoção – Projeto*. Rio de Janeiro: Tipografia de Almeida Marques & C., 1889.

RIPLEY, Henry Clay. Relation of depth to curvature of channels. *Transactions of the American Society of Civil Engineers*. New York, Paper n. 1599, v. 90, p. 207-265, 1927.

RODRIGUES, J. A. Fonseca. *As embocaduras das Lagoas com aplicação à Barra do Rio Grande do Sul*. São Paulo: Tipografia Brazil, 1903.

SAWYER, Ernest E. *Société Franco-Brésilienne de Travaux Publics – Travaux d'amélioration de la Barre de Rio Grande do Sul – Note sur le mode d'exécution des travaux*. Rio de Janeiro: Tipografia A. F. Reynaud, 1891.

SILVA, Fernando Duprat da. *Projeto de melhoramentos da Bacia do Novo Porto*. Rio Grande: Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas – Diretoria de Obras do Porto e Barra do Rio Grande, 1944 (mimeo.).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – Instituto de Pesquisas Hidráulicas. *Relatório-diagnóstico sobre a melhoria e o aprofundamento do acesso pelo Barra de Rio Grande*. Porto Alegre: UFRGS, 1969.

VAUTHIER, Louis Léger. *Notice sur la Barre de Rio Grande do Sul et sur les moyens, d'y créer une passe stable*. Paris: Vve. Ch. Dunod Éditeur, 1899.

Relatos dos primeiros cronistas e de estrangeiros no Rio Grande do Sul

AMBAUER, Henrique Schutel. A Província do Rio Grande do Sul: descrição e viagens. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, t. 51, 2ª parte, p. 25-72, 1888.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

BAGUET, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Paraula, 1997.

BETTAMIO, Sebastião Francisco. Notícia particular do Continente do Rio Grande do Sul. In: FREITAS, Décio. *O capitalismo pastoril*. Porto Alegre: EST São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS, 1980. p. 143-199.

CANSTATT, Oskar. *Brasil: a terra e a gente (1871)*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1954.

CHAVES, Antônio José Gonçalves. *Memórias econômico-políticas sobre a administração pública no Brasil*. Porto Alegre: ERUS, 1978.

DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província do Rio Grande de S. Pedro do Sul*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1927.

EU, Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orleans, Conde d'. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

FUNCK, Diogo. *Viagem por terra da Ilha de Santa Catarina até a Barra do Rio Grande*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, [s. d.], fl.VIII (datilografado).

HÖRMEYER, Joseph. *O Rio Grande do Sul de 1850: descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil Meridional*. Porto Alegre: D.C. Luzzatto/EDUNI-Sul, 1986.

ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

LINIERS, Conde de. *Memória sobre o Porto do Rio Grande do Sul – 1798*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1943 (separata do *Boletim do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos*, v. 3, 1941).

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

MOUCHEZ, Amédée-Ernest Barthélemy. *Instructions nautiques sur les côtes du Brésil et le Rio de La Plata*. Paris: Imprimerie Nationale, 1890.

ROSCIO, Francisco João. *Compêndio noticioso do Continente do Rio Grande de São Pedro até o Distrito do Governo de Santa Catarina*. In: FREITAS, Décio. *O*

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

capitalismo pastoril. Porto Alegre: EST São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS, 1980. p. 105-140.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ERUS/ Martins Livreiro, 1987.

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

SMITH, Herbert H. *Do Rio de Janeiro a Cuaibá*: notas de um naturalista. São Paulo: Melhoramentos, 1922.

VEREKER, Henry Prendergast. *The British shipmaster's hand book to Rio Grande do Sul*. London: Effingham Wilson, Royal Exchange, 1860.

VEREKER, Henry Prendergast. *Vereker, 1860*: roteiro da costa do Rio Grande do Sul. Rio Grande: Editora da FURG, 2001.

Fontes bibliográficas

AGUIAR, José. Acotaciones. In: *El sistema lacustre sud-riograndense oriental*. Montevideo: Imprenta Militar, 1939. p. 45-151.

ALVES, Francisco das Neves. Porto e Barra do Rio Grande – 90 anos de uma secular aspiração que se tornou realidade: brevíssima notícia histórica (março e novembro de 1915). *Biblos*: revista do Departamento de Biblioteconomia e História. Rio Grande: Editora da

FURG, v. 18, p. 87-97, 2006.

ALVES, Francisco das Neves. *Porto e Barra do Rio Grande: uma secular aspiração que se tornou realidade (uma introdução ao tema)*. Porto Alegre: CORAG, 2007.

ALVES, Francisco das Neves. *Porto e Barra do Rio Grande: história, memória e cultura portuária*. Porto Alegre: CORAG, 2008.

ASPECTOS brasileiros em meados do século XIX. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1937.

BARBOSA, Rodrigo Ajace de Moreira. *Contribuição dos portos para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundação de Estudos do Mar, 1972.

BARBOSA, Rui. *Obras completas – questões de portos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1967.

BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-rio-grandense: a contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973-1976. 2 v.

CARVALHO, José Carlos de. *A abertura da Barra do Rio Grande do Sul – o maior sucesso da engenharia hidráulica na América do Sul: a sua história e seus principais colaboradores (1855-1920)*. Rio de Janeiro: Tipografia do *Jornal do Comércio*, 1927.

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

COPSTEIN, Raphael. Evolução urbana de Rio Grande. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n. 122, p. 43-68, 1982.

DOMINGUES, Marcelo Vinicius de la Rocha. *Superporto do Rio Grande: plano e realidade – elementos para uma discussão*. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação [Mestrado] – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ESPÍRITO SANTO, Miguel Frederico do. Castilhismo, capitalismo e obstrução da Barra. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (Orgs.). *Temas de História do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1994. p. 69-81.

ESPÍRITO SANTO, Miguel Frederico do. *A abertura da Barra do Rio Grande e a política econômica do castilhismo*. 2.ed. Porto Alegre: EST, 2004.

GÓES, Hildebrando Araujo. *Problemas portuários*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930.

LIMA, José Olympio de Abreu. Infraestrutura hidroviária do Rio Grande do Sul. *Veritas*. Porto Alegre: PUCRS, t. 13, n. 48, p. 373-391, dez. 1967.

NEVES, Hugo Alberto Pereira. O Porto do Rio Grande no período de 1890-1930. *Revista do Departamento de Biblioteconomia e História*. Rio Grande: Ed. da FURG, v. 2, n. 1, p. 67-110, 1980.

NEVES, Hugo Alberto Pereira. Aspectos gerais do Porto do Rio Grande no período 1930-1945. *Revista do*

Departamento de Biblioteconomia e História. Rio Grande: Ed. da FURG, v. 3, n. 2, p. 14-35, jul.-dez. 1982.

NEVES, Hugo Alberto Pereira. Estudo do Porto e da Barra do Rio Grande. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (Orgs.). *A cidade do Rio Grande: estudos históricos*. Rio Grande: FURG/SMEC, 1995. p. 99-106.

PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos gerais do município de Rio Grande*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1944.

PORTO, Jorge. *Contribuição ao estudo dos portos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

PORTO, Jorge. *Contribuição ao estudo das vias de comunicações no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1951.

PRADEL, Antonio. *Histórico da Barra do Rio Grande*. Rio Grande: Câmara do Comércio, 1969.

RUSSOMANO, Gilda Maciel Meyer. *A "Zona Franca" de Rio Grande*. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul, 1960.

SANFELICE, Carla Ondina. *Le Port de Rio Grande et son influence dans la formation de l'espace gaúcho (1875-1920)*. Paris, [s.d.]. Tese [Doutorado] - Université Paris III - Sorbonne Nouvelle.

SPALDING, Walter. La Barra del Rio Grande y la Laguna de los Patos. In: *El sistema lacustre sud-rio-*

RIO GRANDE: DOIS ESTUDOS ACERCA DE UMA CIDADE
PORTUÁRIA

grandense oriental. Montevideo: Imprensa Militar, 1939. p.
5-43.

VIANNA, Lauro de Brito. *A cidade, o Porto e a Barra de
São Pedro do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 2007.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025

